

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE

A EXPERIÊNCIA SENSÍVEL COMO EDIFICADORA DA MEMÓRIA:
um estudo de caso a partir da Catedral São João Batista, de Santa Cruz do Sul

MÔNICA SCHULTE DE FREITAS

PORTO ALEGRE

2024

MÔNICA SCHULTE DE FREITAS

A EXPERIÊNCIA SENSÍVEL COMO EDIFICADORA DA MEMÓRIA:
um estudo de caso a partir da Catedral São João Batista, de Santa Cruz do Sul

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharela em História da Arte, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Veras (IA-UFRGS)

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Paula Viviane Ramos (IA-UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Bruna Wulff Fetter (IA-UFRGS)

Porto Alegre, 2024

CIP - Catalogação na Publicação

Freitas, Mônica Schulte de
A Experiência Sensível como Edificadora da Memória:
um estudo de caso a partir da Catedral São João
Batista, de Santa Cruz do Sul / Mônica Schulte de
Freitas. -- 2024.
84 f.
Orientador: Eduardo Ferreira Veras.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de História da Arte, Porto Alegre,
BR-RS, 2024.

1. Arquitetura religiosa. 2. Ecletismo. 3.
Neogótico. 4. Imigração alemã. 5. Santa Cruz do Sul.
I. Veras, Eduardo Ferreira, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Caroline e César, e ao Gordo, que mesmo não entendendo meu fascínio pela arte estiveram do meu lado em todas as etapas até aqui.

Aos meus amigos e família que, ao longo dos anos, enxergaram meu potencial e não me deixaram desistir daquilo que eu acreditava ser para mim, mesmo que não estejam mais aqui para ver o resultado.

À minha passagem pela Faculdade de Direito e às amigas que fiz ali, que me ensinaram sobre a necessidade de escolher meu caminho com intenção e propósito.

À minha terapeuta Ivi (*in memoriam*), que foi fundamental para minha coragem de persistir na mudança.

Às minhas colegas de curso Helena, Juliana, Laíssa, Zuleika e Tesla, que atravessaram todas as êxtases e as frustrações comigo, nutrindo uma amizade fundamental para que eu sobrevivesse à graduação – e uma admiração sem tamanho.

Ao meu professor orientador, Eduardo Veras, que me fez sentir tão acolhida em todos momentos deste projeto-trabalho e é um grande exemplo de educador e pesquisador, e a todos os professores do Instituto de Artes que me fizeram acreditar na profissão exercida com paixão.

Ao professor Ronaldo Wink, pela confiança no empréstimo de seus arquivos e pelos esclarecimentos cruciais ao desenvolvimento desta monografia.

Ao meu amor, que torna os dias mais leves e abraça os meus planos para o futuro.

“Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem.”

Maurice Halbwachs (2006)

RESUMO

O presente trabalho investiga a arquitetura religiosa como monumento, suas relações com a memória coletiva e com a identidade na contemporaneidade. Para tanto, parte-se de um estudo de caso acerca da Catedral São João Batista, edificada em linguagem neogótica entre 1928 e 1978 em Santa Cruz do Sul, cidade marcada pela colonização alemã, na Região Central do Rio Grande do Sul. Inicialmente, uma breve revisão bibliográfica traça o panorama da construção do edifício, seus personagens e intenções fundamentais, além de discutir o revivalismo gótico no contexto sul-rio-grandense. Em um segundo momento, a análise se detém sobre um questionário realizado de forma online com 177 pessoas da comunidade, buscando entender como este prédio é percebido e como interage com seus espectadores, quais funções desempenha hoje e quais códigos histórico-afetivos a igreja perpetua através de sua permanência na paisagem.

Palavras-chave: Arquitetura religiosa; Ecletismo; Neogótico; Imigração alemã; Santa Cruz do Sul.

ABSTRACT

This paper investigates religious architecture as a monument and its relationship with collective memory and identity in contemporary times. In order to do so, it begins with a case study of the Cathedral São João Batista, built in neo-Gothic style between 1928 and 1978 in Santa Cruz do Sul, a city marked by German colonization in the central region of Rio Grande do Sul. Initially, a brief bibliographic review outlines the panorama of the building's construction, its characters and fundamental intentions, in addition to discussing Gothic revivalism in the context of Rio Grande do Sul. In a second step, the analysis focuses on an online questionnaire conducted with 177 people from the community, seeking to understand how this building is perceived and how it interacts with its spectators, what functions it performs today and what historical-affective codes the church perpetuates through its permanence in the landscape.

Key-words: Religious architecture; Eclecticism; Neo-gothic; German immigration; Santa Cruz do Sul.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1. A CATEDRAL SÃO JOÃO BATISTA.....	13
1.1 ANTECEDENTES DA CONSTRUÇÃO: DE COLÔNIA A SANTA CRUZ DO SUL.....	13
1.2 A MATERIALIZAÇÃO DA NOVA MATRIZ (HOJE CATEDRAL).....	18
1.3 ARQUITETURA EM FOCO: UMA QUESTÃO DE AUTORIA?.....	26
1.4 UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE O NEOGÓTICO TARDIO NO CONTEXTO RIOGRANDENSE.....	30
1.5 A INTENÇÃO DO MONUMENTO: APAGAMENTOS E PERMANÊNCIAS....	36
CAPÍTULO 2. MEMÓRIA E IDENTIDADE NA ARQUITETURA.....	41
2.1 EDIFÍCIOS DE MEMÓRIA.....	41
2.2 A CATEDRAL SÃO JOÃO BATISTA NA CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO DE CASO.....	49
2.3 IDENTIDADE A PARTIR DA VISUALIDADE: O MARCO DO COLETIVO.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	67
APÊNDICES.....	73
APÊNDICE A – Questionário sobre a percepção de moradores de Santa Cruz do Sul sobre a Catedral São João Batista.....	73
APÊNDICE B – Resposta à questão 11 do Questionário.....	74



Figura 1 – Simon GRAMLICH (1887-1968)
Catedral São João Batista (fachada), 1928-1978
80m x 38m x 80m
Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil
Fotografia da autora



Figura 2 – Vista panorâmica da cidade de Santa Cruz do Sul, com a Catedral São João Batista bem ao centro (destacada por seu telhado marrom). Fonte: Portal Arauto¹.

INTRODUÇÃO

Eu caminho e ela me vê, mesmo que eu não olhe. Escondo-me brevemente entre algumas paredes, tão logo ela me encara no parapeito da janela do meu quarto. Atravesso a rua e sigo reto em direção à Catedral. Muito antes de me colocar em frente ao prédio vejo as torres me desafiando pela esquerda, rasgando o céu. A igreja antecipa minha presença, segue-me e convida o olhar de qualquer ponto. O azul vibrante sem nuvens é a moldura da visão completa. Não é a primeira vez aqui e não será a última. Quero ir embora e acabei de chegar. Importa qual seja o estilo arquitetônico da construção? Eu sei de tudo, mas quero esquecer agora. Olhar pela primeira vez, ou como se assim fosse. Um respiro. Avançando aos poucos em direção à calçada, tudo aquilo que o olho capta tem esse tom de bege pálido, com exceção de detalhes em marrom e o azul do fundo. Vejo traços rosados-salmão, provavelmente porque quero e não porque é real. Quero que o tempo pare para

¹ Disponível em: <https://portalarauto.com.br/wp-content/uploads/2024/02/geral-cidade-2-1.jpg>. Acesso em 29 ago. 2024.

mim, que esse espaço seja só meu. Paro. A cabeça cai para trás, lentamente, sobre o pescoço que dói ao torcer de tal forma, tentando absorver toda a extensão de uma única vez. Não existe outro jeito de contemplar as torres pontiagudas: o desconforto de me sentir tão pequena ali. A verticalidade acentuada tem um aspecto aterrorizante. Quanto mais tempo eu fixo o olhar, mais sinto que vou ser engolida pelas flechas que podem cair a qualquer momento. As texturas parecem pulsar para fora, volumes confusos [...].

Não imaginava, ao elaborar esta leitura “fenomenológica” para a disciplina de Historiografia da Arte II, que revisitaria o mesmo tema tanto tempo depois. Embora não seja fato absoluto, a ideia de proximidade quanto a um objeto de pesquisa apresenta muitas conveniências. A consulta facilitada, digamos assim, projeta uma execução investigativa satisfatória, em tese. Mas a proximidade não garante o acesso automático, e nem a permanência do estudo. A familiaridade nos prepara armadilhas confortáveis: quanto mais acho que conheço algo, menos isso me interessa – ou menos intenso é meu mergulho. É precisamente aqui que conhecimento e senso comum se distinguem, direcionando os caminhos divergentes a escolher e seguir. Muito me perguntei, no decorrer deste trabalho, se fazia sentido continuar com o que idealizei de início. Presente na vista do meu quarto, a Catedral São João Batista é um ponto de referência nas memórias com minha família: missas de Natal com os avós e as primas, missas de celebração do colégio no qual concluí o ensino médio, casamentos em que fui aia, missas de falecimento de entes queridos. Talvez ela tenha sido, também, o meu primeiro contato com a arte materializada. Mas por que eu gosto de igrejas se não sou uma pessoa religiosa? Sinto como se aquelas paredes mantivessem escondido um segredo muito óbvio que não soube decifrar ainda. Isso não é sobre mim – mas preciso olhar para o que é meu. E o que essa igreja diz sobre a cidade em que nasci e que me parece tão avessa, por vezes, à minha visão de mundo? E o que meus conterrâneos sentem sobre ela?

O primeiro capítulo deste estudo propõe um breve compilado de uma história da Catedral do município de Santa Cruz do Sul², na Região Central do Rio Grande

² O município de Santa Cruz do Sul, localizado no interior do estado do Rio Grande do Sul a 155 km da capital Porto Alegre, conta com 133.230 habitantes (segundo o censo do IBGE 2022) na extensão de 733,898 km², fazendo vizinhança com Venâncio Aires, Vera Cruz, Sinimbu, Rio Pardo e Passo do Sobrado. Reconhecida pela potência de sua indústria fumageira desde o início do século passado, hoje apresenta maiores diversificações na produção de alimentos, no setor metalúrgico e no farmacêutico, ocupando a 11ª posição no ranking estadual referente ao Produto Interno Bruto (PIB)

do Sul, no sentido em que ela atravessa também a formação histórico-étnica da colônia que se tornou cidade e a ligação da povoação imigrante germânica com o catolicismo. O contexto da construção é interessante justamente porque, em um conhecimento compartilhado comum, pouco se comenta sobre a primeira igreja matriz que foi destruída, e quase nada se sabe sobre os engenheiros-arquitetos que elaboraram e deram vida aos projetos da edificação. Nesse sentido, elabora-se uma breve revisão bibliográfica³ das publicações mais aprofundadas acerca da temática até então, a saber: *Catedral São João Batista: um marco de fé, história e arquitetura* de Ronaldo Wink, e *A trajetória do arquiteto alemão Simão Gramlich em campos cruzados no sul do Brasil*, de Thayse Fagundes e Braga. Assim, a investigação angaria os elementos artísticos da obra em relação à paisagem urbana, mapeando a manifestação do estilo neogótico tardio do século XX e suas correspondências em outros espaços. Longe de celebrar um monumento apenas por suas proporções e suposta beleza, discute-se a projeção política do templo que foi escolhido por um grupo e segue refletindo na identidade da comunidade, o binômio preservação/destruição e outras conceituações não consensuais sobre a permanência da arte.

O segundo capítulo aprofunda a conexão (e diferenciação) entre história, memória e identidade em justaposição à arquitetura, baseando-se nos estudos psicanalíticos de Lucy Huskinson em *Arquitetura e Psique* (2021) e também nas teorizações sociológicas de Maurice Halbwachs em *A Memória Coletiva* (2010). Explorando a experiência sensível do sujeito com o espaço construído, parte-se de um estudo de caso acerca da percepção dos indivíduos santacruzenses em relação ao prédio da Catedral. Quer-se entender como ele pode, ou não, despertar um senso de comunidade, perpetuando os ecos do passado ou adquirindo novas configurações e funcionalidades, mesclando as lembranças individuais e expandidas

dos municípios (dados apurados em 2021 pelo IBGE). A maior referência em ensino superior está associada à Universidade de Santa Cruz (UNISC), instituição privada com diversas ofertas de cursos de graduação, pós-graduação e técnicos. Além dela, existem a Faculdade Dom Alberto e um polo da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Os aparatos culturais são tímidos quando comparados com a capital riograndense, mas se destacam a biblioteca e a pinacoteca da UNISC, a Casa das Arte Regina Simonis e o Museu do Colégio Mauá, além da Biblioteca Pública. O evento mais relevante sediado na cidade é a *Oktoberfest*, a segunda maior festa deste tipo no Brasil, que evidencia a celebração da cultura germânica ancestral, seus pratos típicos, danças e bailes (Prefeitura [...], 2017).

³ Este tipo de apropriação de informações através de outros pesquisadores se deu pela impossibilidade de consultar os documentos e fontes primárias acerca dos quais discorrem.

desta parcela da sociedade. A partir da análise do questionário⁴ realizado de forma anônima e *online*, traçam-se algumas categorias de sentido recorrentes na relação arquitetura-indivíduo na contemporaneidade, seu caráter de depósito de ideias e influência imagética que extrapolam a concepção religiosa do templo e sua ligação inicial com a povoação imigrante.

Queria ter tido tempo de perguntar à minha bisavó Iracema o que ela achava dessa igreja, e ouvir do meu avô Fernando quais eram os elementos que mais lhe chamavam a atenção quando frequentava a missa de toda semana. Queria ter questionado a ambos muitas coisas sobre a história de nossa cidade – mas como não posso, procuro um outro caminho pela historiografia. Crescer parece um eterno afastar-se da margem e buscar desesperadamente um ponto, uma pedra ou uma brecha que me traga de volta.

⁴ Para analisar os resultados obtidos nos questionários o método escolhido foi a análise de conteúdo, a partir dos postulados de Roque Moraes (1999).

CAPÍTULO 1. A CATEDRAL SÃO JOÃO BATISTA

Para falar de um prédio é preciso falar sobre seus usos: quem o fez e para quem foi feito, sua função, a configuração na paisagem, seu entorno, sua ocupação. Nesse sentido, este capítulo traça um breve panorama do que acontecia em Santa Cruz do Sul antes e durante o momento da construção da igreja que viria a se tornar Catedral apenas com a criação da Diocese Municipal em 1959. As obras, que atravessaram as décadas de 1920 a 1970, refletiram também, em maior ou menor grau, o que acontecia em escala mundial com os saldos das duas Guerras Mundiais, do ponto de vista humanitário e econômico. Embora o projeto de expansão do templo tenha se colocado como um empreendimento que serviria a toda população santacruzense, entrelaçam-se interesses distintos, nem sempre abrangentes. Seria este prédio a marca da comunhão das mais diversas classes e grupos ou seu ponto de divergência?

1.1 ANTECEDENTES DA CONSTRUÇÃO: DE COLÔNIA A SANTA CRUZ DO SUL

Não parece plausível um acordo acerca de tudo que tomou lugar na História do Brasil, com tantas versões e suposições que circulam ainda hoje. Ao falarmos do cenário político e social do Rio Grande do Sul a partir dos 1800 e, especialmente, no interior do Estado, atenta-se para o progressivo desprendimento de centros monopolizadores de influência e mudanças urbanas bastante aceleradas. Após o fim da dita “Revolução” Farroupilha em 1845, uma das articulações mais bem sucedidas realizadas pelo Império Brasileiro seria a progressiva investida na colonização e importação da mão de obra imigrante para os espaços desocupados do território da Província de Rio Grande de São Pedro do Sul (ação que fora temporariamente pausada pelo cenário da guerra civil). Uma vez que tantos estudos já se ocuparam deste tema, pontua-se alguns aspectos que tratam mais especificamente do traslado da Alemanha para o estado.

Os primeiros imigrantes⁵ a pisarem no Brasil, naturalmente, desembarcam aqui quando das primeiras expedições nos tempos da conquista do país, em sua grande maioria portugueses. Quando da transferência da Corte Real de Portugal

⁵ Conceitua-se imigrante todo indivíduo que se desloca de uma região para outra, pelas mais diversas razões. Nesta pesquisa, o enfoque está na imigração numerosa de europeus para o Brasil (Weimer, 2006).

para o Rio de Janeiro, no início do século XIX, os portos foram abertos aos estrangeiros e a política de embranquecimento⁶ da população brasileira patrocinada pelo governo central tomou força, além da estratégia para que estas terras não ficassem à mercê dos espanhóis que há muito se interessavam por elas. O Império, nesse sentido, comanda um processo de colonização trazendo europeus fragilizados pela situação econômica decorrente das guerras napoleônicas em seus locais de origem para novas oportunidades no Novo Mundo. As primeiras tentativas, no entanto, não foram bem sucedidas devido a terras inférteis. Quando da Proclamação da Independência por D. Pedro I, negociantes intermediários recrutaram colonos para investir na agricultura familiar de trabalho livre, mas essa vinda foi também pretexto para formar um contingente significativo de soldados para um possível Exército – caso fosse necessário, é claro (Rockenbach; Flores, 2004, p.12).

No Rio Grande do Sul, os primeiros alemães⁷ ocuparam a região do Vale dos Sinos (Teutônia e São Leopoldo) por volta de 1824, com a árdua tarefa de desbravar o que havia ali: abrir a mata, preparar a terra para o plantio e construir suas próprias moradias. Após um período vacante destas travessias decorrentes de desentendimentos generalizados, e já providas de legislação específica⁸, as primeiras famílias chegaram à Colônia de Santa Cruz em 19 de dezembro de 1849, estabelecendo-se no território que pertencia naquela época à Rio Pardo. Estas pessoas deveriam ocupar as terras devolutas e que, por isso mesmo, receberam a função principal de produção de insumos em caráter de subsistência. Entre as

⁶ Sobre o imaginário racial em voga no Brasil do século XIX e suas relações com as políticas colonizadoras integradas à imigração europeia, consultar Seyferth (2002).

⁷ Antes de 1871 não existiam “alemães”, nem “cidadania alemã”, mas sim prussianos, bávaros, renanos, westfalianos, pomeranos, austríacos, boêmios, isto é, cidadãos de diversos reinados, principados, ducados, que tinham uma coisa em comum: a língua alemã. E, por consequência, uma cultura alemã. E a uni-los e a separá-los, a religião cristã: evangélicos de um lado, católicos de outro (Rockenbach; Flores, 2004, p.9).

⁸ No que diz respeito às leis elaboradas para este fim, sublinha-se a contradição ou conflito das disposições publicadas em um curto período de tempo. Após uma espécie de levantamento das terras que eram propriedade comprovada dos habitantes de Rio Pardo, a lei nº 514 de 28.10.1848 promulgada pelo Governo Geral permitiu que a Província legislasse sobre a colonização, o que antes era proibido. Neste mesmo texto ficava expresso que se concedesse 36 léguas quadradas de terras devolutas a cada Província do Império, “exclusivamente destinadas à colonização” (Martin, 1979, p. 20). A lei nº 229 de 4.12.1851 sancionada pelo Governo Provincial (ou seja, posterior à criação da Colônia de Santa Cruz) trazia dados como a gratuidade das terras oferecidas, quem teria direito a recebê-las (e, depois, mantê-las), gratificações e nomeações de diretores. Ainda em 1854 o governo provincial voltou atrás e estabeleceu a lei nº 304, que passou a prever a colonização com base na venda de terras, permitindo a contratação de trabalhadores assalariados para o campo e com permanência da cobertura dos gastos dos transados até o destino final. Nota-se que imigrantes alemães que chegaram aqui em anos distintos conviveram com normas mais ou menos benéficas em um mesmo ambiente e regime de povoação.

muitas disposições legais criadas para esse contexto, ficava expresso que a mão de obra ali aplicada não poderia ser escrava⁹. De toda forma, esta foi uma das aglomerações mais exitosas¹⁰, sendo promovida à freguesia dez anos depois e à vila em 1878, como município emancipado.

Paralelamente à expansão da área colonial, surgiram os povoados de São João e de Vila Tereza que, respectivamente, deram origem às atuais cidades de Santa Cruz do Sul e de Vera Cruz. Os povoados eram criados para se constituir no centro econômico, religioso e político-administrativo de um território colonial. No caso do povoado que deu origem à Santa Cruz, este situava-se em terras desapropriadas da antiga sesmaria de João de Faria Rosa. Estava, portanto, localizado fora da área colonial que se situava mais em direção Norte, distando alguns quilômetros dessa (Menezes, 1913 apud Spindler; Radünz; e Vogt, 2016, p.4).

O que se sabe sobre estes primeiros grupos de colonos é que se pautavam no trabalho como característica ética¹¹, sempre dispostos a ajudar uns aos outros (associativismo) mas bastante reservados quando surgia uma situação que demandava soluções colaborativas, pois estavam acostumados a resolver seus problemas sozinhos. A base social deste núcleo era a família, e a moral religiosa acompanhava seu cotidiano. Embora tenham vivido praticamente isolados dos lusitanos que já habitavam a região em um primeiro momento, devido às grandes distâncias entre uma propriedade e outra, logo precisaram adaptar sua comunicação com os agentes do entorno através de uma mistura do alemão tradicional com o português brasileiro – sem jamais abandonar o respeito à língua mãe (Martin, 1979). Novos grupos foram chegando gradativamente e espalharam-se, com perfis distintos, validando o investimento com a crescente populacional.

Neste cenário inicial, não havia conflitos¹² entre os luteranos e os católicos, que conviviam como vizinhos. A religião foi, desde o princípio da nova alocação, um fator de comunhão e fortalecedor da identidade desses imigrantes, tanto na

⁹ Martin (1979) afirma que não existiram escravos nesse contexto. No entanto, pesquisas mais recentes comprovam a circulação de escravizados na Colônia de Santa Cruz e suas adjacências, não necessariamente subjugados aos colonos alemães mas não alheios ao seu conhecimento e cotidiano – geralmente introduzidos pelos comerciantes lusitanos que já habitavam a região do Vale do Rio Pardo. Sobre este tema indica-se a leitura de Spindler; Radünz; e Vogt (2016).

¹⁰ Um panorama bastante completo acerca das fases de estruturação política, econômica e social da cidade é oferecido por Ronaldo Wink em *Santa Cruz do Sul: urbanização e desenvolvimento* (2002).

¹¹ Discussões sobre a valorização da moral europeia implementada no Rio Grande do Sul com a vinda dos colonos e a precarização da população escravizada pode ser melhor explorada em Isaia (1998) e Paim (2014).

¹² Jean Roche assinala que se percebe progressivamente “uma linha de demarcação cultural”, visto que as concepções filosóficas, normas de comportamento, valores profissionais e percepção das estruturas de poder são demasiado distintas em cada um dos credos (1969, p.671).

perspectiva individual quanto social de fato, integrando seus costumes, festas celebrativas e rituais simbólicos. As capelas, de ambos os credos, eram simples e construídas pelos próprios moradores, servindo como escolas comunitárias, com aulas de alemão e canto. Embora a corrente católica não fosse a única que se manifestava na colônia, logo mostrou-se efetivamente privilegiada pelas políticas do Padroado¹³, que garantiu a “liberdade religiosa” a todos os colonos mas mantinha as regalias da união Estado-Igreja até a Proclamação da República em 1889.

Com a demanda de uma edificação que pudesse reunir os fiéis para as festividades, cerimônias e missas ampliando os espaços reduzidos das capelas, encaminham-se as discussões que culminam na primeira igreja matriz de Santa Cruz do Sul¹⁴, inaugurada oficialmente em 24 de junho de 1863, embora concluída em dezembro de 1861 e em construção desde 1857¹⁵. O projeto original fora do engenheiro civil Roberto Dietrich, modificado posteriormente por Luiz Manoel Martins da Silva. A concorrência pública foi ganha pelo único licitante a participar do processo, o proprietário de terras de origem inglesa Guilherme Lewis¹⁶.

A igreja dedicada ao padroeiro da povoação, São João Batista, caracterizava-se por sua volumetria despojada e de inspiração neoclássica, possuindo fachada simétrica, encimada por frontão triangular, torre sineira e aberturas em arco pleno. Seu interior contava com altares, mor e laterais, entalhados em madeira, sendo a pintura artística, recobrando o forro e as paredes com motivos florais e geométricos, realizada por Diogo Lewis, filho do empreiteiro Guilherme Lewis (Wink, 2006, p.35-36).

¹³ A perpetuação do modelo do Padroado Régio, qual seja, de proteção da Coroa Portuguesa para a Igreja Católica permaneceu na Carta de 1824, tal que o Estado Brasileiro era confessional, no sentido de garantir também a hegemonia da instituição, cada vez mais ameaçada pelas ideias liberais em detrimento do dogma. Nesse sentido, a legislação previa que os colonos não-católicos poderiam manter sua crença sem qualquer perseguição, desde que suas casas de oração não tivessem a aparência externa de templos. Na prática, os protestantes tinham seus casamentos e batizados abençoados pelo pastor, que era pago pelo Governo, mas sem validade oficial perante a lei, e a tolerância ao seu culto variava de um local para outro. Era dever da Província pagar e manter as igrejas católicas, e os interesses eclesiásticos e políticos se misturavam. Nos primeiros anos de colônia, os católicos estiveram mais desassistidos que os protestantes, pois houve demora para a vinda de padres que falassem o idioma (Roche, 1969). No entanto, a primeira Igreja Evangélica de Santa Cruz foi inaugurada ainda em 1867, e mesmo que o projeto original não previsse, os registros comprovam que uma torre foi incorporada em 1878 ao resto do conjunto, ou seja, com a “aparência externa” tecnicamente proibida pela lei (Martin, 1979).

¹⁴ Ou “Capela de São João”, de acordo com Spindler; Radünz; e Vogt (2016, p.4).

¹⁵ A demora na entrega da obra se deveu, entre outras questões, ao fato de que novas cláusulas de contrato foram sendo adicionadas prevendo alterações estruturais e obrigando Lewis a recalcular a rota, além de dificuldades para encontrar certos materiais (Roche, *op. cit.*; Martin, *op. cit.*).

¹⁶ Proprietário de muitas terras na circunscrição de Rio Pardo, aparentemente gozava de certo prestígio social (Wink, 2006). Importante notar que seu nome aparece nas listas de mapeamento dos donos de escravos da região em questão (Spindler; Radünz; e Vogt, *op. cit.*).

Já em 1880 falava-se em construir um novo templo para melhor acolher os devotos, mas a burocracia demasiada acerca dos terrenos próximos (na mesma praça onde estava a igreja, inclusive) implicou em duas ampliações, a saber: a reforma que duplicou o edifício em comprimento (1880–82) e a intervenção que duplicou a largura através de naves laterais (1900–01). Além disso, instalaram-se quatro sinos em 1886 e o relógio da fachada principal em 1900, todos importados da Alemanha e adquiridos por coleta e colaboração da comunidade¹⁷. “Tanto o interior quanto o exterior da edificação receberam aberturas em arco pleno, mantendo a linguagem arquitetônica inicialmente proposta” (Wink, 2006, p.40).

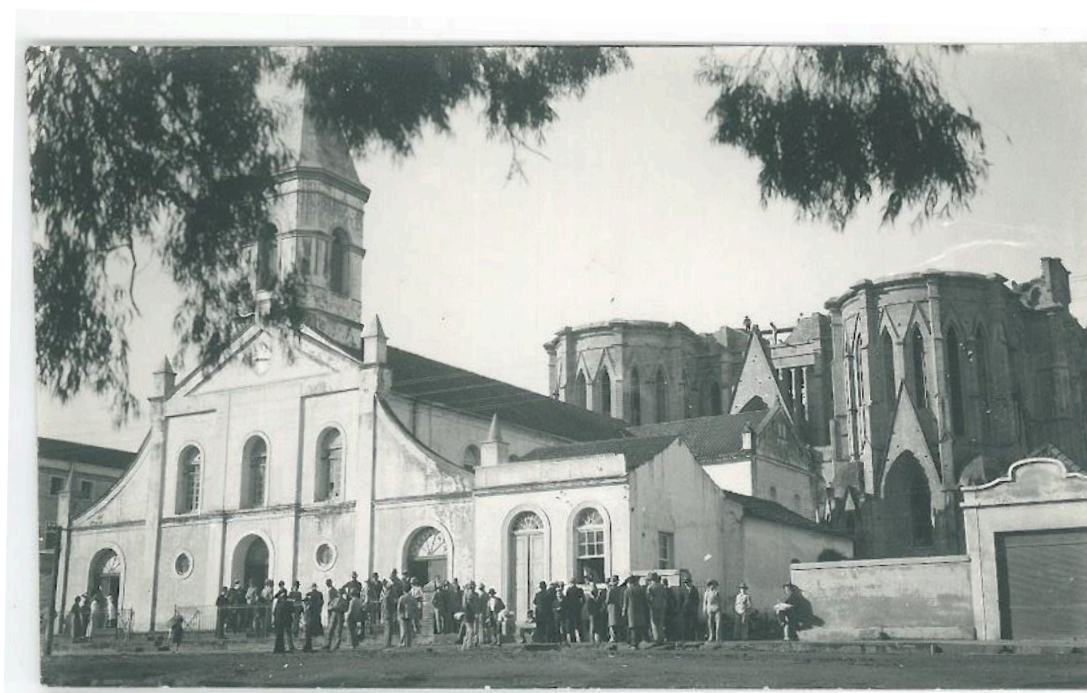


Figura 3 – Dimensão das matrizes de forma comparada (a antiga, na esquerda à frente, e a nova, no fundo à direita). Fotografia sem data. Fonte: Arquivo Ronaldo Wink.

O poderio econômico do município e de seus habitantes crescia com rapidez, assim como o desenvolvimento do espaço urbano e a urgência de readequar espaços de uso intenso, tal qual a igreja matriz. Na década de 1920 as discussões sobre a expansão do prédio cresceram a ponto de não poderem mais ser ignoradas. As resoluções, como veremos, são curiosas e turbulentas. O que se sabe com certeza é que, em uma visita pastoral a Santa Cruz do Sul datada de novembro de

¹⁷ Fato curioso é que crentes evangélicos contribuíram também com a coleta monetária para o relógio, uma vez que ele garantiria a hora exata para todos os passantes da praça de São Pedro, como era denominada na época (Wink, 2006, p. 36-40).

1922, o Arcebispo de Porto Alegre Dom João Becker¹⁸ manifesta a sugestão de construir-se uma nova matriz. Sua autoridade não abria espaço para recusas.

1.2 A MATERIALIZAÇÃO DA NOVA MATRIZ (HOJE CATEDRAL)

Construir uma igreja do zero não pode ser tarefa fácil. Dos estudos e definições dos anteprojetos surgem as burocracias do terreno, a mão de obra, o aporte financeiro, a melhor decisão em termos de inovação tecnológica ou aquilo que faz mais sentido dentro de um projeto político (evidente ou não). Em um primeiro momento, os representantes da comunidade católica santacruzense consideraram a hipótese de reaproveitar os alicerces da matriz já existente para a nova edificação. Antes mesmo de qualquer divulgação oficial acerca do empreendimento, diversos arquitetos e engenheiros comunicaram-se com o Vigário em exercício para manifestar interesse em assinar o projeto final¹⁹. Estes contatos, estabelecidos através de correspondências, assinalam um longo período de antecipação por parte dos fiéis e da paróquia, que buscavam definições sobre o local onde seria erguida a igreja e a melhor proposta que servisse aos interesses da comunidade.

Em novembro de 1925, um nome crucial para a história entra em cena: Simon Gramlich²⁰ (1887–1968). O engenheiro-arquiteto²¹ nascido e formado²² na Alemanha toma conhecimento das discussões acerca da nova matriz desejada para Santa

¹⁸ Sobre a atuação de Dom João Becker na primeira metade do século XX, a figura do Bispo dentro da Arquidiocese de Porto Alegre e suas contextualizações políticas consultar *Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul*, de Artur Cesar Isaia (1998).

¹⁹ Os registros compilados por Ronaldo Wink (2006) demonstram que o Padre Bernardo Bolle, à frente da paróquia naquele momento, recebeu as primeiras cartas do arquiteto Josef Lutzenberger (Porto Alegre) em dezembro de 1924 com propostas e estudos iniciais, além de um orçamento-base. Outros estudos de projetos apresentados ao vigário na mesma época foram de Ernst Seubert (Novo Hamburgo), de características ecléticas, e Ernst Matheis (Santa Cruz do Sul), inspirado na arquitetura germânica tradicional. Ao final de 1925, o Padre Alfredo Bley substitui o comando da diretoria, tornando-se figura central na mediação das definições futuras sobre a construção.

²⁰ Registrado Albert Simon Gramlich, mas assinando como Simão após certo tempo no Brasil, nasceu em 1887 em Herbolzheim (atual estado de Baden), na Alemanha. Caçula de seis irmãos, era filho de lavradores e provavelmente ingressou na profissão de arquiteto a partir do trabalho do pai, que atuou como auxiliar de pedreiro. Desembarcou em solo brasileiro em 1922, e aqui permanece até o final de sua vida, falecendo em Blumenau, Santa Catarina, em 1968 (Braga, 2020).

²¹ Os registros de Simon Gramlich acerca da definição de sua atuação são variados, pois que em alguns documentos ele é referido como mestre de obras ou pedreiro (*Maurerpolier*), mas também se autodenomina engenheiro-arquiteto, arquiteto e construtor. Não havia uma correspondência direta entre as especificidades da profissão no nicho da construção civil alemã em relação ao cenário da arquitetura no Brasil no início do século XX. A diferenciação por formação erudita e diplomas seria implementada apenas no Governo Vargas, em 1933 (*Ibid.*, p. 75-76).

²² Não existem registros de uma educação formal na área – Gramlich possivelmente aprendeu o que sabia com seu pai, que era construtor civil e tinha uma firma especializada (*Ibid.*).

Cruz do Sul por meio de outros profissionais da área e envia ao Padre Alfredo Bley diversas cartas apresentando-se ao trabalho. No Brasil desde 1922 e tendo fixado residência no Rio Grande do Sul pouco tempo depois, o alemão se descrevia como “especializado na construção de igrejas, colégios e conventos”, bem como nos motivos decorativos que acompanham estes prédios (Wink, 2006, p.48), e colocava-se à disposição de elaborar o projeto conforme o gosto da comissão responsável – entre as possibilidades, adianta que o estilo poderia ser neogótico ou neorromânico, variando com isso o orçamento dos materiais. Se a intenção de Gramlich era convencer o Vigário, a modéstia foi posta de lado, e o que se seguiu foi uma série de comunicações entre ambos que buscavam o fim comum de fechar o acordo para a execução da igreja.

Entre os muitos argumentos de Gramlich na tentativa de fechar um contrato, elenca ao Padre Bley algumas obras de sua autoria²³, e afirma que estaria disposto a residir na cidade de Santa Cruz do Sul para acompanhar o prosseguimento da empreitada, além de elogiar frequentemente sua expertise. As correspondências continuam intensas em 1926, enquanto a definição das medidas do terreno era estudada pelas lideranças paroquiais, tal qual a questão sobre manter de pé a matriz antiga. Outros anteprojetos foram apresentados então, com autoria de Victorino Zani²⁴ e Josef Hruby, mas o Vigário já demonstrava, em correspondência a Dom João Becker, sua preferência pela proposta de Gramlich, solicitando aprovação da planta provisória ao Arcebispo (Wink, 2006, p.52). Já estava posto, em dezembro de 1926, que a diretoria da paróquia havia escolhido o projeto do arquiteto alemão, e ele estava ciente da preferência da comunidade católica sobre seu trabalho. Mesmo com a pressão constante²⁵ que fazia ao pároco local, tudo foi descartado por ordem

²³ Com exceção das obras realizadas no Rio Grande do Sul (Igreja de São Vendelino, Montenegro e Colégio Marista Rosário, Porto Alegre) além do que estava elaborando em Bom Princípio simultaneamente, não foram encontrados registros do que Gramlich tivesse projetado antes da imigração – por falta de documentação, provavelmente, mesmo sem a menção do arquiteto sobre quaisquer projetos anteriores nas referidas cartas (Braga, 2020).

²⁴ O primeiro estudo enviado por Zani ao pároco em 1926 foi de clara inspiração neogótica “congregando o neorromano” – mas o que submeteu ao concurso em 1927 foi elaborado em linguagem neobarroca. Esta mudança poderia estar associada aos interesses e formações distintas das pessoas responsáveis pela análise do projeto (*Ibid.*, p.112).

²⁵ Fica comprovado o interesse de Simon Gramlich para que fossem resolvidas as burocracias dando início à construção, uma vez que a obra já era anunciada com proporções expressivas e os valores envolvidos seriam consideráveis. Esse talvez fosse o seu maior e mais importante projeto até então. Muitas das cartas que trocou com o pároco na tentativa de conseguir a contratação foram compiladas e traduzidas por Ronaldo Wink (2006).

da Cúria Metropolitana que decidiu por instaurar um concurso público para a seleção definitiva.

O referido edital de concorrência foi publicado no dia 1º de julho de 1927 no jornal *Kolonie*, de Santa Cruz, e, no dia 5 do mesmo mês, no Correio do Povo de Porto Alegre, contando com as seguintes diretrizes: medidas propostas: 30 metros de largura, 60 metros de comprimento, incluindo 2 torres. Custo estimado: 600:000\$000 (seiscentos contos de réis). Terreno de 39 metros de frente por 132 metros de fundos, totalizando uma superfície de 4.948 m². Estilo livre (gótico, românico ou barroco). Anteprojetos entregues na escala 1:100, contando com os seguintes elementos gráficos: planta baixa, fachada do frontispício e laterais, corte longitudinal e transversal. Data de entrega das propostas, 31 de agosto de 1927, sendo endereçada ao sr. Pedro Fröelich, presidente da Comissão Construtora (Wink, 2006, p.54).

A importância em nível estadual do concurso estava diretamente ligada aos prêmios oferecidos aos três primeiros colocados, além da quantia prevista ao prédio que se anunciava monumental. A repercussão do edital foi tamanha que um total de 13 anteprojetos²⁶ foram submetidos à análise da comissão julgadora²⁷. Todas as plantas apresentadas passaram a ser propriedade da paróquia. O processo seguiria desta forma: depois da seleção dos três projetos pela comissão, a comunidade escolheria aquele de seu agrado e caberia aos superiores da capital o veredito final. Mas os desejos da Cúria não estavam alinhados com os dos santacruzenses, e ainda que o concurso tivesse a intenção de organizar a situação, não foi isto que ocorreu: a população católica votou unanimemente²⁸ por dar seguimento ao projeto Simon Gramlich, que fora inclusive desclassificado do trâmite por exceder o orçamento previsto da obra.

²⁶ Mesmo alguns dos arquitetos que fizeram contatos anteriores com os párocos submeteram os anteprojetos ao concurso, como Simon Gramlich, Josef Lutzenberger, Victorino Zani e Ernst Seubert. Além destes, participaram também João Neumann, José Frickler, Julio Lohweg, Jacob Schmitt, Saul Macchiavello com Antônio Rubio, Eduardo Pufal, Gustavo de Airoso, Dario Granja Sant'Anna com Walter Jobim Siqueira, e Theodor Scharla, sendo este último o único candidato residente fora do Rio Grande do Sul (Wink, 2006, p.54-55).

²⁷ Consoante à publicação, foi formada a comissão construtora responsável pelo andamento da obra (da qual participava o Padre Bley), e a comissão julgadora. Esta última foi estabelecida por nomes indicados pelo Arcebispo Dom João Becker, a saber: Duílio Bernardi, Henrique Pereira Neto e Josef Hruby (arquitetos) e cônego João Maria Balem (delegado do Arcebispo). O critério de composição do grupo seria o "reconhecido saber sobre arquitetura religiosa" (*Ibid.*).

²⁸ A vontade manifesta da comunidade católica se deu através de atas de reuniões organizadas pelos líderes da paróquia, redigidas em alemão, constando nos livros-tombo do arquivo da Diocese segundo Wink (*op. cit.*). Não se tem acesso à integridade desses documentos, mas é importante frisar que, embora a esmagadora maioria tivesse se afeiçoado pelo projeto em questão, parece improvável que todos os integrantes da comunidade compartilhassem da mesma opinião.



Figura 4 – Anteprojeto ganhador do concurso público, de autoria de Victorino Zani, apresentando a fachada em perspectiva. Fonte: Arquivo Ronaldo Wink.



Figura 5 – Anteprojeto ganhador do concurso público, de autoria de Victorino Zani, apresentando a lateral. Fonte: Arquivo Ronaldo Wink.

A confusão implodiu com a falta de resolução acerca dos prêmios²⁹ prometidos no edital. Após a divulgação dos resultados, Gramlich escreveu nova série de cartas criticando a parcialidade dos jurados e defendendo as medidas do edifício propostas por ele, que seriam essenciais para garantir a harmonia do conjunto e a acústica perfeita do ambiente. Por fim, ficou acertado que o arquiteto de origem alemã poderia dar início às obras se concordasse em fazer as modificações requisitadas pelo Arcebispado, com aprovação do projeto em 12 de janeiro de 1928. As obras tiveram início no mesmo ano, com a convenção de que o prédio seria erigido nos fundos do terreno onde estava a primeira matriz, e esta ficaria de pé para as celebrações e festividades até que a nova igreja pudesse ser ocupada pelos religiosos.

O projeto da nova matriz caracterizava-se por sua esbeltez, marcada pela verticalidade, tanto no corpo principal, como nas pontiagudas torres que alcançavam a altura de 80 metros. Divididas em seis segmentos que afunilavam-se à medida que subiam, as torres, ricamente compostas, eram encimadas por cones octogonais, denominados coruchéus e, entre elas, um baldaquino cobria o conjunto escultórico chamado de “grupo da cruz”. O projeto [...] incluía grandes aberturas em arco ogival, recobertas por vitrais coloridos, rosáceas, pináculos, balaustradas, frisos, molduras, águas-furtadas e esculturas. O interior do templo, dividido em três naves, coro e altar-mor, possuía altas colunas octogonais com capiteis decorados, que sustentavam um forro abobadado marcado por nervuras. Seu comprimento alcançava 80 metros e a largura total era de 34 metros. Já a nave central e as duas laterais atingiam as alturas de 24 metros e 18 metros respectivamente (Wink, 2006, p.62).

Como era de se esperar de um projeto tão grandioso, sua conclusão levaria cerca de 50 anos, sem contar com os restauros posteriores para substituir materiais defeituosos ou pouco efetivos. O momento de execução das fundações foi atravessado por negociações quanto à área dos terrenos a serem utilizados, com a aquisição de algumas propriedades imediatamente colaterais e marcado também pela arrecadação de recursos através de quermesses e eventos similares. Além de materiais de construção e dinheiro, os fiéis contribuíram com a mão de obra. A crise econômica internacional de 1929 teve seu impacto sentido no andamento da

²⁹ O resultado do concurso teve classificações diferentes para as duas comissões. Para os jurados escolhidos pelo Arcebispo Becker, Victorino Zani foi o primeiro colocado com seu projeto em linguagem neobarroca mesclando elementos neoclássicos, seguido por J. Lutzenberger em segundo e Dario Granja Sant’Anna e Cia em terceiro lugar, embora uma classificação prévia trouxesse J. Frickler em terceiro. O pagamento dos prêmios em valor é uma incógnita (Wink, 2006).

construção, embora a comunidade tenha feito o possível para dar continuidade, mas os problemas ultrapassaram a esfera financeira.

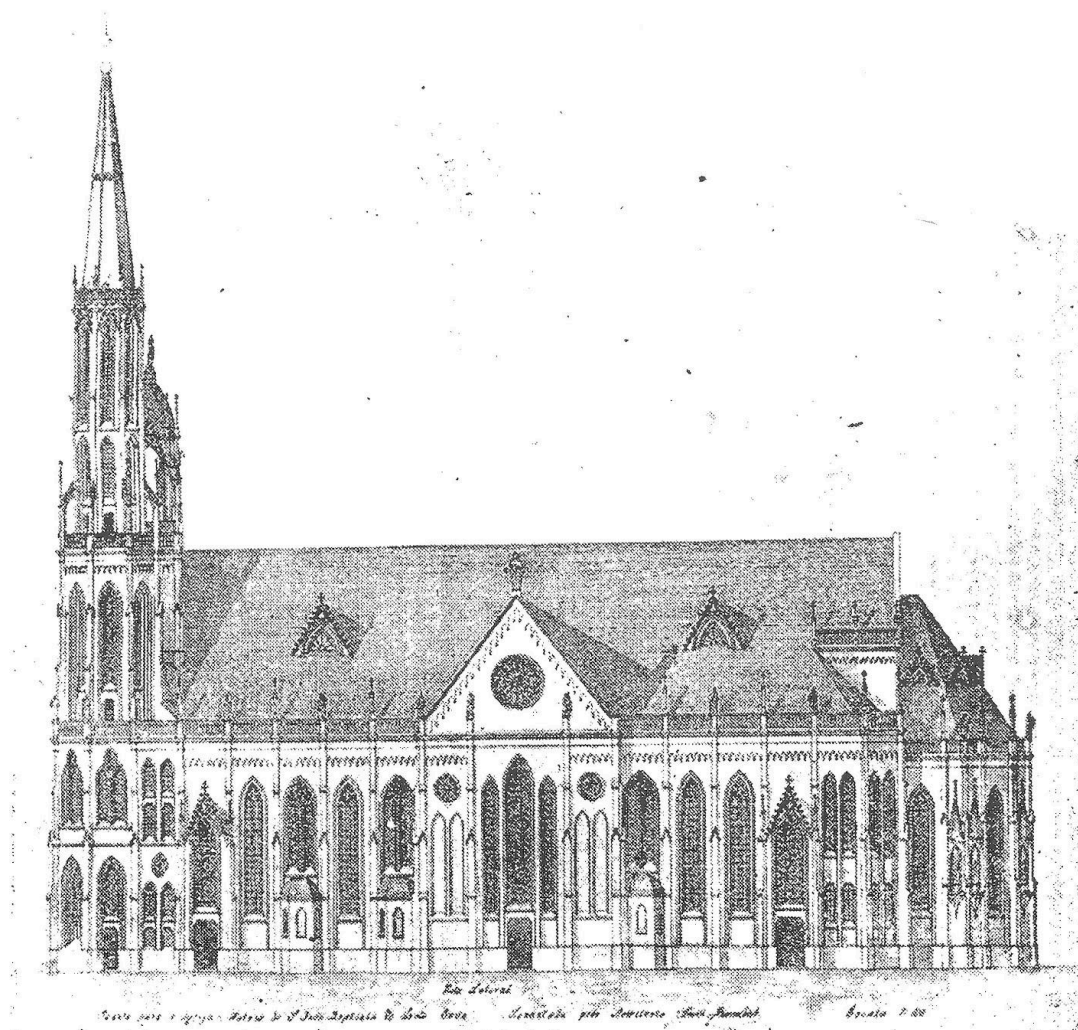


Figura 6 – Anteprojeto de Simon Gramlich para a lateral do prédio. Fonte: Arquivo Ronaldo Wink.

Foi decretada a paralisação das obras em março de 1932 após a absoluta recusa de Simon Gramlich em cumprir seu acordo com a Cúria Metropolitana, no qual ficou acertado que ele deveria simplificar o projeto original para adequá-lo ao orçamento disponível (sem fugir da realidade da cidade naquele contexto). Os desentendimentos exaustivos que levaram a este cenário culminaram com a mudança do arquiteto para Blumenau, Santa Catarina, em 1931, uma vez que a demanda por trabalhos teria caído drasticamente. Mais do que isso, ele levou consigo todos os projetos³⁰ elaborados para a obra da matriz de Santa Cruz,

³⁰ Segundo Weimer, de uma perspectiva histórica, o projeto que Josef Lutzenberger submeteu ao concurso “seria aquele que qualificaríamos como o mais avançado em termos de evolução arquitetônica”, e não aquele que foi efetivamente escolhido (Wink, 2006). Não houve, então, uma *expertise* técnica por trás da campanha comunitária que elegeu Gramlich para o trabalho.

deixando a comissão responsável com poucas opções. Embora os representantes da paróquia quisessem mediar o conflito de interesses, inclusive ofertando diversas contrapropostas às contestações do alemão, determinou-se ao final de 1932 que ele deveria remeter as plantas urgentemente, tanto do que havia sido feito quanto das alterações solicitadas, sem adicional de pagamento. Ele não o fez, e pelas correspondências que trocou com amigos da época, expressou sentir-se insultado e ofendido com a suposta desvalorização do seu papel. Ele foi oficialmente demitido apenas em janeiro de 1933.



Figura 7 – Dimensão das matrizes de forma comparada (a antiga, à frente, e a nova, no fundo ainda com os andaimes). Fotografia sem data. Fonte: Arquivo Ronaldo Wink.

Dando fim à comoção temporária, a comissão construtora (reformulada) buscou uma nova equipe que pudesse mapear o que já fora executado e também elaborar as plantas e projetos a serem adaptados, inclusive dando seguimento ao processo. O contrato assinado com a Construtora Schütz e Matheis em março de 1934 previa o levantamento completo das etapas realizadas, cálculos de materiais e fiscalização da obra, que anteriormente ficou a cargo de Josef Hruby por intermédio da metrópole. Heinrich Schütz³¹ e Ernst Matheis³², à frente da nova fase da empreitada, retomaram a construção da igreja em janeiro de 1935, e contaram com os desenhos técnicos de Arlindo Kothe para implementar a modificação de parte da fachada que já estava erguida entre as torres. O construtor Felipe Kreutzer ficou encarregado de executar a estrutura de madeira sobre a qual seriam sustentadas as abóbadas e cobertura do prédio. Já em 02 de agosto de 1936 a nova matriz foi utilizada para um ato solene de ordenação de sacerdotes, ainda que não estivesse finalizada (Wink, 2006, p.77). A inauguração oficial, contudo, data de 1939³³, na véspera de Natal, e no ano seguinte a antiga igreja foi demolida. A finalização da obra, com os rebocos da fachada leste, ocorreu apenas em 1978. Melhorias e restauros³⁴ ocorreram ao longo dos anos 1990.

Consoante ao esplendor buscado por toda a composição arquitetônica, o interior da igreja não poderia ficar desassistido. No que diz respeito ao conjunto decorativo artístico da Catedral São João Batista (assim denominada desde 1959 com a posse do Bispo da Diocese), destacam-se as pinturas do artista de origem alemã Arno Van Seer (especialmente o mural ao fundo do altar com o grupo da cruz, que é sua contribuição mais duradoura) e de Roman Riesch, contratado para

³¹ Natural de Santa Cruz do Sul mas com formação na Alemanha, o engenheiro-arquiteto Heinrich Carl Schütz (1868–1944) participou da construção de prédios importantes para a cidade como o Banco Pelotense em 1922 (em estilo eclético, que hoje abriga a Casa das Artes Regina Simonis) e a igreja Evangélica em 1924 (Keller, 2001, p.160; Wink, 2006, p.71).

³² Ernst Matheis (Munderkindem, Alemanha, 1895 – Santos, Brasil, 1953) também era formado engenheiro-arquiteto em seu país de origem e esteve envolvido na cena cultural santacruzense para além da sua atuação com o sócio em obras comerciais, residenciais, de caráter religioso e de ordem oficial, tais qual a usina elétrica de Santa Cruz (1935) e o hospital de Cachoeira do Sul (1938). Como migrou para o interior do Rio Grande do Sul é um mistério (Wink, *op. cit.* p.71.).

³³ A celebração esperada de um momento tão importante para a comunidade não foi “barulhenta”, segundo os relatos. Simultaneamente ao início da Segunda Guerra Mundial, o Brasil acompanhava as medidas autoritárias do Estado Novo de Getúlio Vargas, que introduziu um projeto de nacionalização do estudo e da língua portuguesa, acarretando represálias na população católica santacruzense que, em maioria, dominava apenas o idioma alemão. A procissão foi modesta e o ritual, oficiado em latim mas sem cânticos, foi simplificado (*Ibid.*, p.84).

³⁴ Todo o processo de restauração das fachadas, implementação de placas de cobre nos coruchéus e intervenção no telhado original do prédio são detalhados na publicação já mencionada sobre a Catedral (*Ibid.*).

restaurar algumas das criações de Seer que foram afetadas por infiltrações e ocupar os espaços que foram deixados vazios na adornação inicial – motivos florais e geométricos, a mimetização em degradê das colunas internas e figurações angelicais nos arcos que “emolduram” a elevação do altar. Um espetáculo à parte são os vitrais coloridos com narrativas bíblicas e fragmentos da História do Rio Grande do Sul, produzidos por encomenda na empresa *Vitraux e Arte Veit*³⁵ com sede em Porto Alegre. Outros elementos distintivos são a porta de louro esculpida com Jacob Koehler e o altar-mor feito em mármore de carrara com detalhes em alabastro da Marmoraria Brixner.

1.3 ARQUITETURA EM FOCO: UMA QUESTÃO DE AUTORIA?

Aqui cabe uma discussão interessante quanto à autoria do projeto final da Catedral. Não há dúvidas de que Simon Gramlich planejou o prédio, ativamente elaborando as plantas e dando início à execução da construção, acompanhando-a de perto na cidade (considerando-a, também, sua obra-prima). Sua projeção ideal, contudo, estimava uma quantia mais expressiva de dispensas, criando um cenário de atrito com o Arcebispado e outros representantes da comunidade católica – tudo em função de sua recusa em adaptar o projeto inicial às demandas que derivaram da hierarquia ou valores monetários pré-determinados. Não havendo possibilidade de seguir os trabalhos sem os desenhos e estudos técnicos, a comunidade se viu temporariamente impedida de continuar, mas descartar tudo que já tinha sido estava fora de cogitação. No momento da paralização das obras, entre novembro de 1931 e março de 1932, “encontravam-se as paredes laterais na altura do telhado e a base das torres alguns metros abaixo” (Wink, 2006, p.69). Heinrich Schütz e Ernst Matheis, com sua equipe especializada, dividem a responsabilidade autoral pela Catedral que conhecemos hoje, ainda que seja o nome de Simon a referência sempre que se fala no assunto. E as alterações no modelo final não foram poucas. Segundo Keller (2001), “estes profissionais e suas empresas foram, na época, as que mais se destacaram no ramo da construção civil”.

³⁵ O ateliê Veit iniciou suas atividades comandado pelo artesão de origem alemã Albert Goodfried Veit (1865–1934), que veio para o Brasil em 1913 e abriu seu negócio em 1915. Esse trabalho foi continuado por seus filhos e neto, até o ano de 1970, quando do falecimento de Hans Veit. “Registros encontrados mostram diferentes assinaturas para a produção do ateliê, tais como Veit e Filho, H. Veit, Hans Veit, Vitraux Hans, ou mesmo, Veit Artes Reunidas” (Wertheimer e Gonçalves, 2013). A empresa foi responsável pela produção de vitrais para edificações no estado do Rio Grande do Sul e também para Santa Catarina, especialmente ambientes sacros.

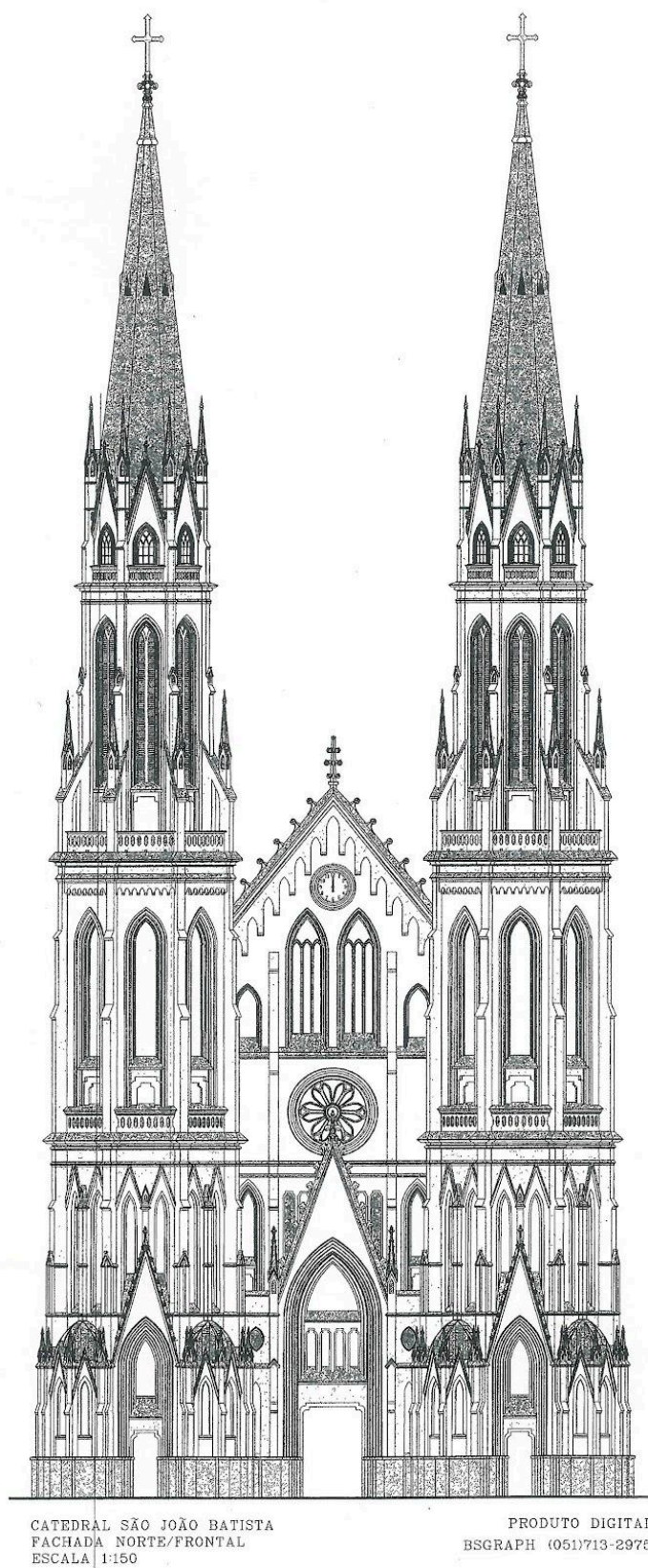


Figura 8 – Fachada da nova matriz de Santa Cruz do Sul conforme alterações de Schütz e Matheis.
Fonte: Arquivo Ronaldo Wink.

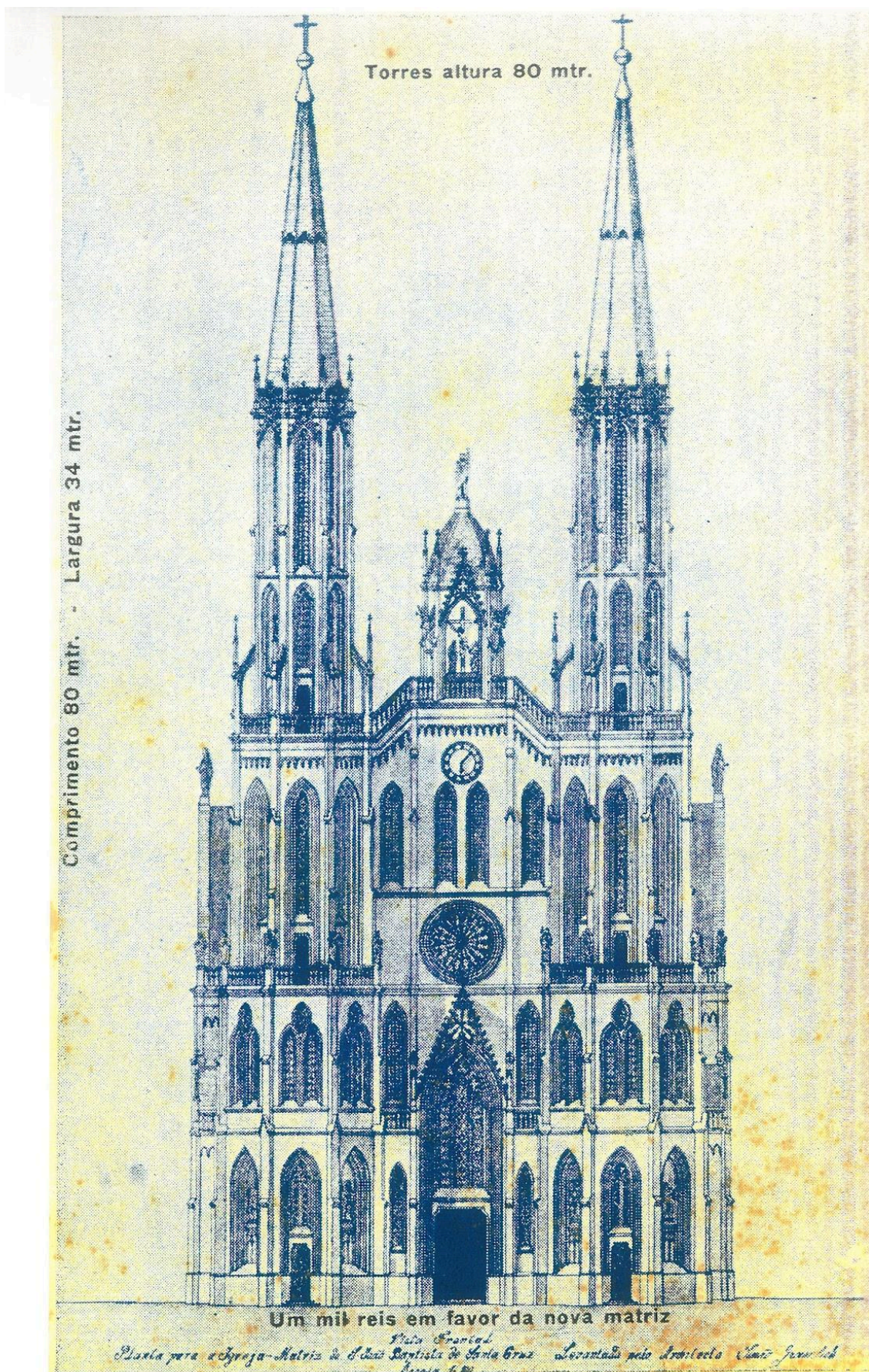


Figura 9 – Fachada da nova matriz segundo o projeto original de Gramlich, enviada através de cartão postal para sua família na Alemanha. Fonte: Arquivo Ronaldo Wink.

Qual o fator determinante para atribuir a autoria de uma obra arquitetônica, uma vez que ela emprega tantas mãos distintas? Sem as negociações apoiadas pela comunidade, certamente não haveria a contratação de Simon Gramlich, que não contava com as graças de Dom João Becker. Na mesma época, as definições para a Catedral Metropolitana de Porto Alegre tomaram um rumo curioso, partindo de um anteprojeto de tendências neogóticas para uma repaginação completa de formalismo neorrenascentista (Wink, 2006). Sem a nova equipe, contudo, não haveria conclusão.

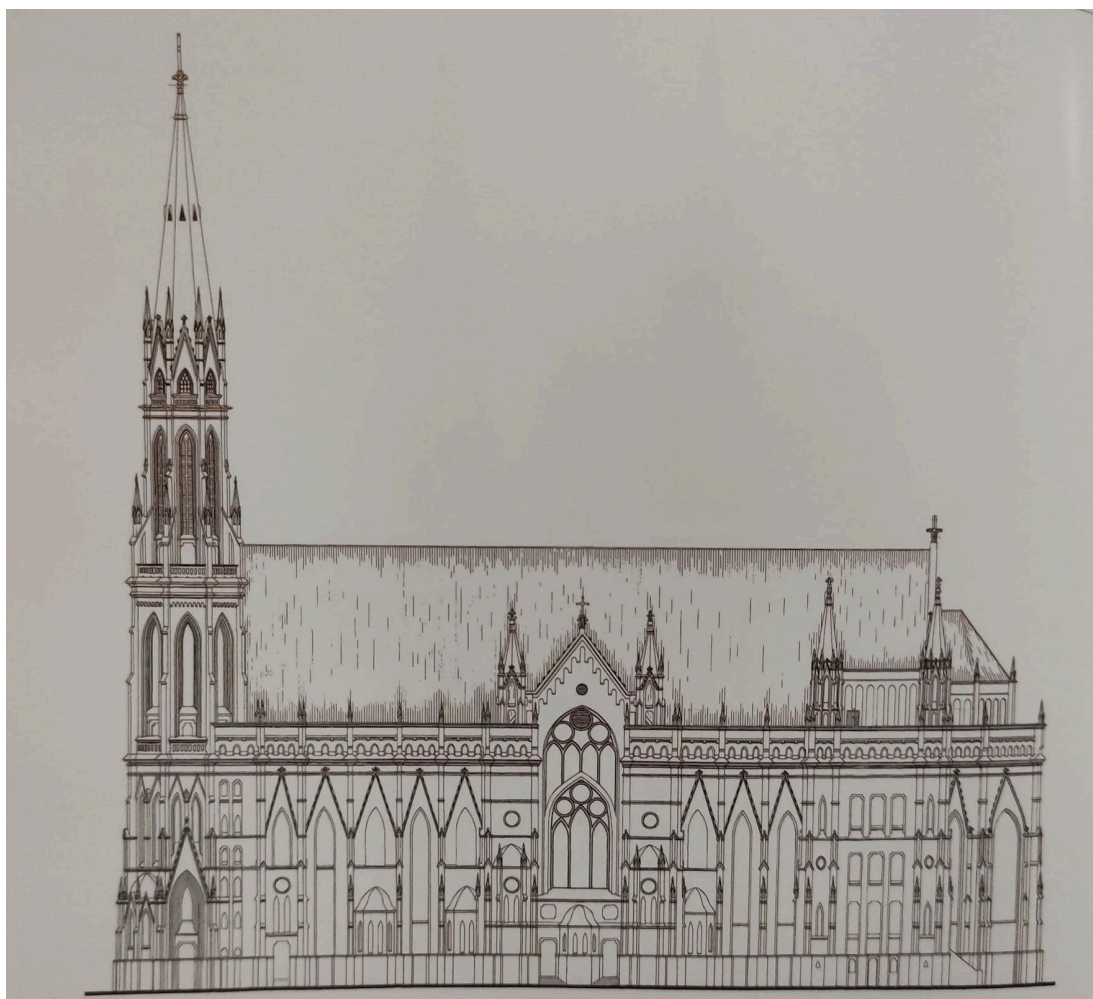


Figura 10 – Projeto para a lateral da nova matriz conforme alterações da Construtora Schütz e Matheis. Fonte: Arquivo Ronaldo Wink.

Em termos práticos, foi implementada uma simplificação do estilo neogótico pensando pelo primeiro engenheiro-arquiteto encarregado, com a completa reformulação das fachadas e o recuo de 6 metros estabelecido na entrada principal entre as torres, que fora antes desenhada com uma fachada de três faces tendo a central paralela às demais – conseqüentemente, a finalização com baldaquino foi

abandonada (Wink, 2006, p.73). Conferindo assim maior destaque às prolongações verticais, as torres facetadas foram divididas em quatro segmentos decrescentes, e também foram eliminados o transepto no centro da nave, as águas furtadas no telhado e as estátuas de santos imaginadas para adornar a platibanda. É por essa razão que o edifício finalizado se difere tanto do pensado por Gramlich. Se desde o início ele tivesse trabalhado em uma adequação do próprio projeto, talvez parte das ornamentações e dos grupos escultóricos pudessem ser mantidos. Ao todo, os gastos da primeira fase da construção extrapolaram o valor previsto no edital publicado, chegando a 865:823\$460 contos de réis. Quando comparadas lado a lado, a obra da Construtora é muito mais “limpa” e contida. A inovação ou o maior avanço empregado aqui foi o uso do concreto armado, que não era comum à cidade.

1.4 UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE O NEOGÓTICO TARDIO NO CONTEXTO RIOGRANDENSE

Cada escolha estilística ou estética possui uma certa especificidade na maneira como convida o espectador a se relacionar com a obra de arte. Quando admitimos a arquitetura³⁶ enquanto sacralizada dentro deste “estatuto”, quaisquer que sejam as escolhas acerca de sua forma material, podemos nos questionar sobre sua influência real a partir da tridimensionalidade com que se apresenta: somos meros observadores e, por isso, passivos em sua projeção onipresente e imersos em sua ambiência? Ou somos agentes da interação e definimos, pela possibilidade de tocá-la e recusá-la, o verdadeiro poder do sentir?

Partindo do pressuposto de que a Catedral São João Batista não foi planejada ao mero acaso, uma vez que sua execução desafiou os limites de disponibilidade e conformidade daquele contexto, é possível que a linguagem *neogótica* desperte respostas sensoriais comuns que tenham motivado conscientemente Simon Gramlich? Mesmo em seu estudo realizado na Alemanha consultando documentos primários ligados à vida do engenheiro-arquiteto antes de imigração, Thayse Fagundes e Braga (2020) não sinaliza quaisquer referências artísticas tangíveis que ele tenha incorporado em seu repertório imagético. Segundo

³⁶ Nikolaus Pevsner afirma que o termo “arquitetura” pode ser apenas aplicado para “construções projetadas tendo em vista o interesse estético”, banalizando a definição de “construção” que poderia ser qualquer coisa que “encerra um espaço” e permite que um ser humano se desloque dentro de sua escala (2015, p.1). Como pode-se observar até aqui, o estudo em curso toma ambos os termos como sinônimos.

a análise da autora, parece haver uma recorrência notável entre as tendências ao *goticismo* na arquitetura e a vinda dos projetistas alemães³⁷ para o país, embora esta correspondência não seja exclusiva. Porém, é preciso também analisar a demanda destes templos: a quem interessava a construção da Catedral?

É importante pontuar que, embora o edital do concurso tivesse previsto um edifício em estilo livre mas com possibilidades enumeradas (leia-se: românico, gótico ou barroco), o gosto da época transitava demasiadamente influenciado pelas correntes historicistas da arquitetura, e sua fusão naquilo que conhecemos hoje por *ecletismo*³⁸. De fato, falar em uma construção neogótica quase à metade do século XX é um pouco equivocado – diz-se, então, que temos em nosso objeto uma igreja com inspiração (ou elementos) do neogótico. Antes mesmo da publicação do certame na imprensa, Gramlich e outros arquitetos que já haviam estabelecido comunicação com o vigário oferecendo seus serviços explicitam, em suas cartas³⁹, que estavam dispostos a elaborar o projeto conforme fosse do gosto⁴⁰ da paróquia ou de quem quer que estivesse ditando as ordens naquele momento. Tecnicamente, diante deste cenário, o destino da obra poderia ter diferentes encaminhamentos conforme a posição final (o que quase aconteceu, se considerarmos o concurso).

³⁷ Durante a unificação da Alemanha e a construção de uma identidade nacional baseada em suas referências, nunca houve consenso entre os arquitetos da época acerca do estilo a ser empregado para concretizar estas ideias de poder e prestígio, transitando entre o neogótico e o neoclássico e chegando a uma fusão de ambos denominada *Rundbogenstil*. No entanto, a idealização medieval parece ter sido forte o suficiente para favorecer este revivalismo, e um grande número de construções neogóticas religiosas do Brasil do séc. XX pode ser atribuída a arquitetos de origem germânica, que imigraram na década de 1920 e muito foram elogiados por seu domínio do desenho e da técnica. A escolha por estes projetos poderia estar associada, então, a uma necessidade psicológica de unidade e elevação divina, e também a um retorno aos tempos áureos da Igreja Católica, além da busca por um símbolo-monumento daquele povo com ideais em comum. No início do século XX, contudo, a Alemanha já mostrava sua potência nos movimentos modernos da arquitetura (Braga, 2020).

³⁸ Eclético é aquilo que é formado por elementos escolhidos em diferentes sistemas. Do grego *ekléktikos*, refere-se àquele que escolhe, à atitude de escolha, e caracteriza a seleção entre as diversas opções das quais se têm conhecimento, sem observância de uma linha rígida de pensamento. Ecletismo é também o método que consiste em reunir esses elementos escolhidos dentre todos os sistemas que foram propostos na história em uma unidade nova e criativa. Em arquitetura, Ecletismo designa a atitude dos arquitetos do século XIX que utilizaram elementos escolhidos na história, com a intenção de produzir uma nova arquitetura. [...] pretendiam situar a arquitetura no seu tempo (Pedone, 2005, p.127).

³⁹ Algumas cartas da época estão traduzidas em português nas publicações de Wink (2006) e Braga (2020).

⁴⁰ Neste sentido, existiriam dois tipos de atitude em relação ao passado no contexto do ecletismo: os idealistas e os cínicos. Enquanto o primeiro grupo de pessoas acreditava ser capaz de criar a arquitetura moderna apenas retornado aos modelos de inspiração do passado, o segundo tenderia ao “indiferentismo”, ou seja, navegaria nos mais diversos estilos de forma livre por circunstância ou oportunidade – sem ideais próprios ou afeição por uma tradição específica, propondo-se a realizar os “caprichos dos seus clientes” para ganhar dinheiro (Collins, 2001, p.177).

Não deixa de ser curioso partir de uma memória do antigo continente para elaborar a imagem das comunidades paroquiais nos mais diversos cantos do Brasil⁴¹. O *revival* gótico, enquanto parte do movimento romântico iniciado no séc. XVIII, teve sua maior potência nos domínios ingleses (de onde nunca sumiu de fato) e franceses, derivados dos sentimentos de nostalgia e escapismo que negavam o presente e o passado imediato – o racionalismo extremado, os impactos da industrialização – traduzindo no emprego do “associativo e pitoresco” a roupagem de um edifício conforme o sentimento que se quisesse evocar (Pevsner, 2015). É verdade que a grande exaltação das organizações estéticas calcadas no passado estiveram intrinsecamente ligadas a uma forte ideia de nacionalismo⁴², sobretudo na Inglaterra, na França e na Alemanha⁴³, com o advento do Estado Moderno. Se os periódicos de arquitetura do período propagavam alguns dos discursos românticos sobre estas formas, teriam elas circulado também em Santa Cruz?

Os historicismos que precederam o ecletismo permitiram que os arquitetos escolhessem as estruturas e motivos mais adequados à mensagem que o prédio deveria transmitir. Se no medievo europeu as catedrais góticas foram instrumentalizadas a partir da doutrina da Igreja (leia-se, o pensamento eclesiástico) como espaços de adoração mas, com ainda mais intensidade, imbuídos do teor moralizante da pequenez do homem diante do sagrado e da iluminação na unidade de Jesus, a modernidade⁴⁴ pode ter bebido dessa fonte – especialmente em cidades pequenas e pautadas no senso comunitário da fé católica. Uma teoria acerca do

⁴¹ Alguns exemplos da difusão neogótica em igrejas e edifícios públicos no país são trazidos por Dias (2008), que aponta para a diversidade de influências incorporadas a cada um dos casos permeados pelo ecletismo.

⁴² Em *Los ideales de la arquitectura moderna*, o historicismo gótico é apresentado como o movimento com o conjunto de argumentos mais contraditório, seguidamente opostos entre si. São cinco os ideais básicos de sustentação: o romantismo e o nacionalismo, já mencionados; o racionalismo, a reforma social e a eclesiologia. A questão do nacionalismo surge alinhada com o fato de que a arquitetura gótica era “mais característica dos países do norte da Europa que as obras clássicas gregas e romanas”. Augustus Pugin, por exemplo, defendia a adoção do gótico como a “arquitetura do catolicismo”, enquanto John Ruskin enxergava nele “a essência do protestantismo” associada também com uma “sociedade trabalhadora e feliz” (Collins, 2001., p.99). Ligada à reforma litúrgica na Inglaterra, surge a formulação da arquitetura como uma arte ética e, por isso mesmo, comprometida com a expressão da verdade – tanto na integridade estrutural quanto na moral pessoal (*Ibid.*, p.105-106).

⁴³ De acordo com Keller, quando da ocorrência do gótico na Europa, “cada país assumiu uma marca própria”, sendo a França conhecida pelas “fachadas ocidentais de duas torres ornadas por rosáceas, o trifório e a abundante estatuária” e a Alemanha, com marcada presença do estilo românico até o final do século XIII, teve preferência “por torre central pontiaguda, com um ousado coruchéu rendilhado” (2001, p.213).

⁴⁴ De fato, “o neogótico, talvez como nenhum outro estilo arquitetônico, esconde o desejo de um retorno ao passado mas associado à política e à construção nacional, propõe um acesso diferente à modernidade” (Gil, 1999, p.24-25 *apud* Checa-Artasu, 2013, p.5, tradução nossa).

emprego da linguagem neogótica na arquitetura do contexto brasileiro é explorada por Oliveira Neto (2015), na qual o autor aponta a aproximação entre o *revival* gótico e a neocristandade na passagem do século XIX para o XX, ou seja, o elemento estético como participante de uma política que buscava reconectar as influências da Igreja com o Estado em plena República. O caráter laico dos governos não impediu que a herança colonial da comunhão de interesses sobrevivesse, buscando na apropriação das ideias europeias de esplendor medieval uma forma de solidificar a adesão social à religião neste período.

O primeiro caso de manifestação do *neogótico* no Rio Grande do Sul data de 1865, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, elaborada por Johann Gruenewald⁴⁵ – coincidentemente ou não, a primeira colônia alemã do estado. Mas por qual razão este gosto específico permaneceria em Santa Cruz do Sul mais de 60 anos depois? Cabe desmistificar o gótico e seu *revival* como linguagens exclusivamente católicas, pois a tendência ao goticismo esteve presente também em templos evangélicos. Além disso, foi um estilo amplamente utilizado nas construções religiosas das cidades de colonização italiana, como, por exemplo, Caxias do Sul e Bento Gonçalves.

Faz-se oportuno situar a construção da Catedral São João Batista com relação a suas contemporâneas e, principalmente, com as igrejas mais próximas no tempo e no espaço. A nova Igreja Evangélica de Santa Cruz foi inaugurada em 1924, elaborada em estilo neorromânico, com torre única (pouco tempo depois a sua antiga sede foi destruída) – um gosto pelo medieval, mas em outras configurações. O projeto e construção foram comandados pelos sócios Henrich Schütz (o mesmo) e Jorge Hoelzel. Em Sinimbu, o projeto no qual Gramlich trabalhou logo ao chegar na região em agosto de 1927 teve o *neogótico* como linguagem escolhida para a Igreja Nossa Senhora da Glória⁴⁶, com destaque para a torre única que fica bem ao centro da fachada e pode ser avistada a algumas quadras de distância, e seus diversos

⁴⁵ Sobre o arquiteto natural da Alemanha, Günter Weimer escreve: foi ele que melhor exprimiu as contradições entre as tendências historicistas clássica e gótica da forma como se desenvolviam na Europa. Para ele, as duas tendências corriam por caminhos paralelos. Suas obras sempre apresentaram uma opção: as igrejas deveriam ser góticas e as demais clássicas. Dentro dessa dicotomia, utilizou-se mais da segunda, mas a primeira foi a mais significativa. Sua igreja de São Leopoldo serviu de modelo a um sem número de imitações empíricas por toda a zona colonial, não só alemã como também a italiana. A onda das igrejas góticas foi de um alcance bem maior do que seria de se esperar. Somente há pouco ela perdeu a sua força e até mesmo em nossos dias ainda se discute esta opção nas comunidades do interior (1987, p.265).

⁴⁶ Sobre a igreja católica de Sinimbu, o professor Ronaldo Wink desenvolveu a pesquisa mais completa da qual se tem conhecimento (que está ainda aguardando publicação).

pináculos cortando o espaço ao seu redor. Inaugurada em 1932, é um caso à parte, com a pintura externa em azul claro e a presença de rendilhados no ornamento dos arcos que emolduram as portas e janelas – ainda que sua extensão seja mais modesta, medindo 51m de altura, 25,5m de largura e 51m de comprimento. Em comum com a Catedral tem, entre outras coisas, o nome dos doadores dos vitrais em suas partes inferiores, aqui todos identificados em alemão gótico, e a participação da Construtora Schütz e Matheis em sua execução (durante 1931 e 1933, responsável também por algumas alterações do projeto original).



Figura 11 – Simon GRAMLICH (1887–1968).
Matriz São Sebastião Mártir, 1928-1953.
Venâncio Aires, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Cristian Avencurt, Flickr.



Figura 12 – Simon GRAMLICH (1887–1968).
Igreja Nossa Senhora da Glória, 1927-1933.
Sinimbu, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fotografia da autora.

No caso de Venâncio Aires, a situação foi semelhante no que diz respeito ao concurso público. O edital, publicado na imprensa também em 1927, ditava diretrizes ainda mais específicas. Segundo Almeida (2003), a nova construção da Matriz de São Sebastião Mártir⁴⁷ já fora solicitada em “estilo neogótico”, no mesmo lugar da igreja católica que já existia, com 50 metros de comprimento, 25 metros de largura e

⁴⁷ Especificidades da igreja de Venâncio Aires e sua relação com a cidade podem ser confrontadas em Rosa (2013).

duas torres. Iniciada também em 1928 e inaugurada 25 anos depois, com a finalização de ambas as torres em 1953, apresenta a simplificação da linguagem revivalista com distribuição muito semelhante à Catedral de Santa Cruz – afinal, Simon Gramlich trabalhou nas duas ao mesmo tempo (e como a história se repete, a obra foi finalizada por uma construtora, desta vez a Lux, Goldmann e Kothe Ltda).

Tanto Sinimbu quanto Venâncio foram colônias de imigração alemã⁴⁸, e partiram, em grande medida, da vontade popular para escolher as novas delineações da arquitetura sacra. Uma vez que a propaganda de um trabalho se fazia no boca-a-boca, é provável que o engenheiro-arquiteto estivesse bem recomendado nas paróquias no momento de sua contratação. Com certeza, nenhum desses projetos recorda externamente a primeira igreja pela qual ele foi responsável quando chegou ao Rio Grande do Sul, em São Vendelino⁴⁹, com sua torre única duas naves laterais, de coloração sóbria contrastada com os motivos decorativos brancos nos arcos das janelas, colunas e entablamento da fachada em linguagem eclética.

No prefácio da publicação *Catedral São João Batista: um marco de fé, história e arquitetura*, o professor Günter Weimer faz questão de deixar em aberto as discussões acerca do estilo escolhido para a matriz santacruzense, sinalizando em seu panorama que a “linguagem fora do contexto cultural alemão da época” mostra-se, ainda hoje, sem uma hipótese comprovada do porquê. A divulgação do *neogótico* como “exótico” derivado da experiência portuguesa seria uma possibilidade, mas não explica a adesão tão fervorosa da comunidade germânica, que esteve disposta a questionar as decisões da autoridade máxima da igreja naquele cenário para realizar a obra (Wink, 2006, p.26-27). Estariam estas sociedades já integradas aos gostos da cultura nacional? Ou seria este, de fato, um traço integrativo da germanidade?

⁴⁸ Gramlich manifestou em algumas de suas correspondências a importância dada pelas comunidades germânicas à construção de igrejas, razão pela qual ele gostava de oferecer seu trabalho nestas povoações de imigrantes. É também o que ele afirma ao mudar-se para Blumenau em busca de um mercado de empreendimentos mais frutífero (Braga, 2020).

⁴⁹ Esta construção foi demolida em 1980, mas uma fotografia de sua fachada consta na tese de Braga (*Ibid.*, p.80).

1.5 A INTENÇÃO DO MONUMENTO: APAGAMENTOS E PERMANÊNCIAS

A chegada de uma nova era e as ideias de progresso precisam ser vistas e marcadas no tempo: a permanência dos novos símbolos no espaço garantirá que as gerações em sequência aprendam sobre os grandes feitos e grandes atores da mudança. Esse movimento foi bastante comum no Brasil: a destruição dos edifícios erigidos conforme os moldes coloniais, seja porque sua estrutura se tornara precária, seja porque sua materialidade traduzia as noções políticas ultrapassadas⁵⁰.

As transformações sócio-econômicas em Santa Cruz do Sul e as novidades decorridas da acumulação do capital foram sentidas nas primeiras décadas do séc. XX, com a expansão do núcleo urbano, o êxodo rural e as alterações arquitetônicas introduzidas pelo ecletismo. Mas não ficaria a comunidade órfã da afetuosidade com aquele edifício ou monumento anterior? Parece ingenuidade sugerir que um prédio permaneça de pé apenas porque é antigo e significa algo para um grupo de pessoas. Podemos atribuir a demolição da antiga matriz de Santa Cruz também à uma deficiência de educação patrimonial ou apenas a uma escolha utilitária?



Figura 13 – Vista da praça de São Pedro (hoje Getúlio Vargas): à esquerda, o colégio das irmãs franciscanas (hoje Dom Alberto); ao centro, a sobreposição na paisagem das duas igrejas, pouco antes da demolição da mais antiga. Fotografia sem data. Fonte: Arquivo Ronaldo Wink.

⁵⁰ Acerca do binômio preservação/destruição implicado na modernização urbana, consultar Freire (1997). Sobre o caso do Rio Grande do Sul, em específico, consultar Weimer (1987).

Muito antes da definição final do local no qual seria erigida a Catedral, a comunidade votou por não demolir a igreja inaugurada em 1863. Em carta endereçada ao Arcebispo metropolitano em dezembro de 1926, o padre em exercício Alfredo Bley escreveu pedindo permissão para comprar outro terreno próximo, expondo os motivos:

1 – Os católicos tanto das colônias (5/6) como da cidade (1/6) querem na maioria, que se conserve a matriz atual, que representa um valor de 200-250 contos de réis e continuará a servir para as celebrações da S. Missa, congregações, exercícios espirituais; 2 – A construção da nova igreja será mais fácil e continuará o serviço religioso na matriz atual [...] (Wink, 2006, p.51).

Em setembro do mesmo ano o Vigário havia solicitado a opinião de Dom João Becker acerca da decisão mais adequada, colocando como contrapartida à construção “por sobre a igreja antiga” que “o povo católico sentiria muitíssimo a demolição dessa igreja ainda sólida com a qual estão ligados tantos sentimentos sagrados e felizes recordações” (Wink, 2006, p.49). De toda forma, conservou-se sua localização para a nova obra, que já foi concebida com caráter monumental – não em relação às suas notáveis proporções, mas à crescente articulação da religião na cidade e a celebração da tão bem sucedida colonização da região. Com exceção dos trechos extraídos das correspondências enviadas à Cúria com o apelo da manutenção do templo, não foi possível mensurar a resposta da população ao impacto do prédio destruído⁵¹.

Cristina Freire, em seu estudo sobre o imaginário urbano contemporâneo, concebe o monumento como “uma projeção de um certo sentido de tempo sobre o espaço” (1997, p.118), oferecendo então “a possibilidade da referência espacial através da percepção, e temporal, pela via da memória⁵²” (1997, p.41) – e por esta razão não pode ser pensado abstratamente, em suspensão, uma vez que está no espaço público e interage com ele. Outra definição do conceito é apresentada por Alois Riegl: “por monumento [...] entende-se uma obra criada pela mão do homem e

⁵¹ Em uma investigação partindo da antítese monumento/evento, Daniel Fabre (2019) destaca as “emoções patrimoniais” como um “movimento coletivo, inesperado e intenso” que surgiria da ameaça à obra ou edificação em questão. O excesso de presença destas formas as tornam “máquinas para o esquecimento”, invisíveis, mas enxergá-las sob uma nova perspectiva cria uma percepção de bem comum, uma “pátria cultural” compartilhada tendo o passado como valor absoluto que se apoia na experiência das memórias comuns.

⁵² Em seus estudos partindo da Psicologia Social, Freire (1997) enfatiza os percursos de memória como uma tentativa de reconstrução do passado a partir dos suportes materiais: a destruição da paisagem urbana como conhecemos impede que nos reconhecemos naquele espaço e em nossas individualidades – não nos identificamos com as referências que não podemos acessar. A relação entre arquitetura, memória e identidade será melhor explorada no próximo capítulo.

elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos (ou a combinação de ambos)” (2014, p.31). Elencando as possibilidades da cultuação moderna associada a estas formas escultóricas-arquitetônicas, aponta o valor volível⁵³ de memória como aquele que “pretende nada menos do que a imortalidade”:

O culto do valor histórico – contraposto ao culto do valor de antiguidade, que avalia o passado pelo próprio tempo –, mostrou a tendência de abstrair do passado um momento da evolução histórica, colocando-o diante de nossos olhos como se pertencesse ao presente. O valor intencional de comemoração tem esse objetivo desde o início, ou seja, o objetivo de, desde a ereção do monumento, nunca deixar, de certa forma, que um momento faça parte do passado, permitindo que permaneça na consciência das gerações futuras, sempre presente e vivo. Essa terceira classe de valores de memória apresenta assim uma ligação evidente com os valores de atualidade (Riegl, 2014, p. 63).

Quando recapitulamos o contexto de antecipação da nova igreja católica, é imprescindível assinalar a atuação da imprensa local naquele momento, que reforçava o simbolismo transcendente da obra antes mesmo da sua aprovação:

Depois de aceito para a construção da matriz de Santa Cruz do Sul, caberia convencer a comunidade de fiéis daquela cidade, que era quem pagaria por aquela obra, da capacidade de Gramlich para a execução e também da importância de se ter aquele monumento religioso. Assim, o jornal *Kolonie*, publicado naquele município, iniciou uma campanha que muito favorecia a imagem de Gramlich profissionalmente. Destaca-se aqui um artigo desse periódico publicado em 1929, com o título “Igrejas – Monumentos Culturais da Humanidade” (tradução nossa), no qual, dois aspectos são relevantes [...]. O primeiro aspecto é a importância de se construir não apenas uma igreja, mas uma edificação que fosse um monumento cultural de marca dos descendentes de alemães no Brasil, mostrando toda a sua operosidade, piedade, empenho e prosperidade. O termo “monumento cultural” aparece sete vezes nesse artigo para tratar tanto dos grandes templos da humanidade, como as pirâmides dos egípcios ou a Catedral de Colônia, quanto à construção que estava iniciando-se naquela cidade. Assim, buscava-se justificar a construção daquela imensa igreja, que se poderia considerar desproporcional em relação ao tamanho da cidade e à quantidade de fiéis. Então, segue-se para o segundo aspecto do artigo, que era a legitimação da figura de Simão Gramlich como um profissional capaz de fazer uma obra tão vultosa nunca vista antes naquele estado [...] (Kirchenbauten, 1929 *apud* Braga, 2020, p.83-84).

⁵³ Volível (*gewolt*): obras já de início destinadas a rememorar um determinado momento histórico ou personagem (Riegl, 2014, p.24)

Consoante a este comentário, Braga menciona alguns dos trechos contidos no referido número do periódico editado em língua alemã, que elogiam copiosamente a grandeza e audácia de seus desenhos e denominam o engenheiro-arquiteto como “o mestre” que faltava para mostrar “o caminho para novas ações. E ele veio”, sendo “os germano-brasileiros do Rio Grande do Sul” os responsáveis por fazer “o sacrifício para realizar esses sublimes planos” (Kirchenbauten, 1929 *apud* Braga, 2020, p.84). A aproximação messiânica do relato é chave para compreender o apelo da campanha pela construção da nova igreja, embora não estivessem apenas os colonos imigrantes envolvidos nesta articulação. Com um monumento tão expressivo à sua disposição, logo a pequena matriz do século XIX seria substituída também na memória de seus frequentadores.

O que podemos observar é um casamento entre os ideais da instituição e os ideais dos líderes da comunidade, que aqui encontraram um ponto de potência em comum, pois foi o massivo apoio ao projeto neogótico da Catedral que permitiu a concretização da empreitada. Não parece fazer tanto sentido, porém, afirmar que o projeto de Gramlich fora escolhido apenas por sua origem alemã, uma vez que muitos dos candidatos também o eram – isso sem contar os nascidos brasileiros de pais alemães. Foi, finalmente, sua persuasão característica e os discursos criados a partir daí que alimentaram os sonhos dos fiéis e sua disposição em torná-los reais. Vale lembrar que 5/6 da comunidade católica santacruzense era constituída de colonos. Jean Roche, a respeito disso, coloca de forma sucinta: “A irradiação do catolicismo teuto-rio-grandense ultrapassa, então, largamente, o quadro da colonização germânica. Mas permanece a ele ligado muito estreitamente, pois das zonas rurais tira sua força” (1969, p.684).

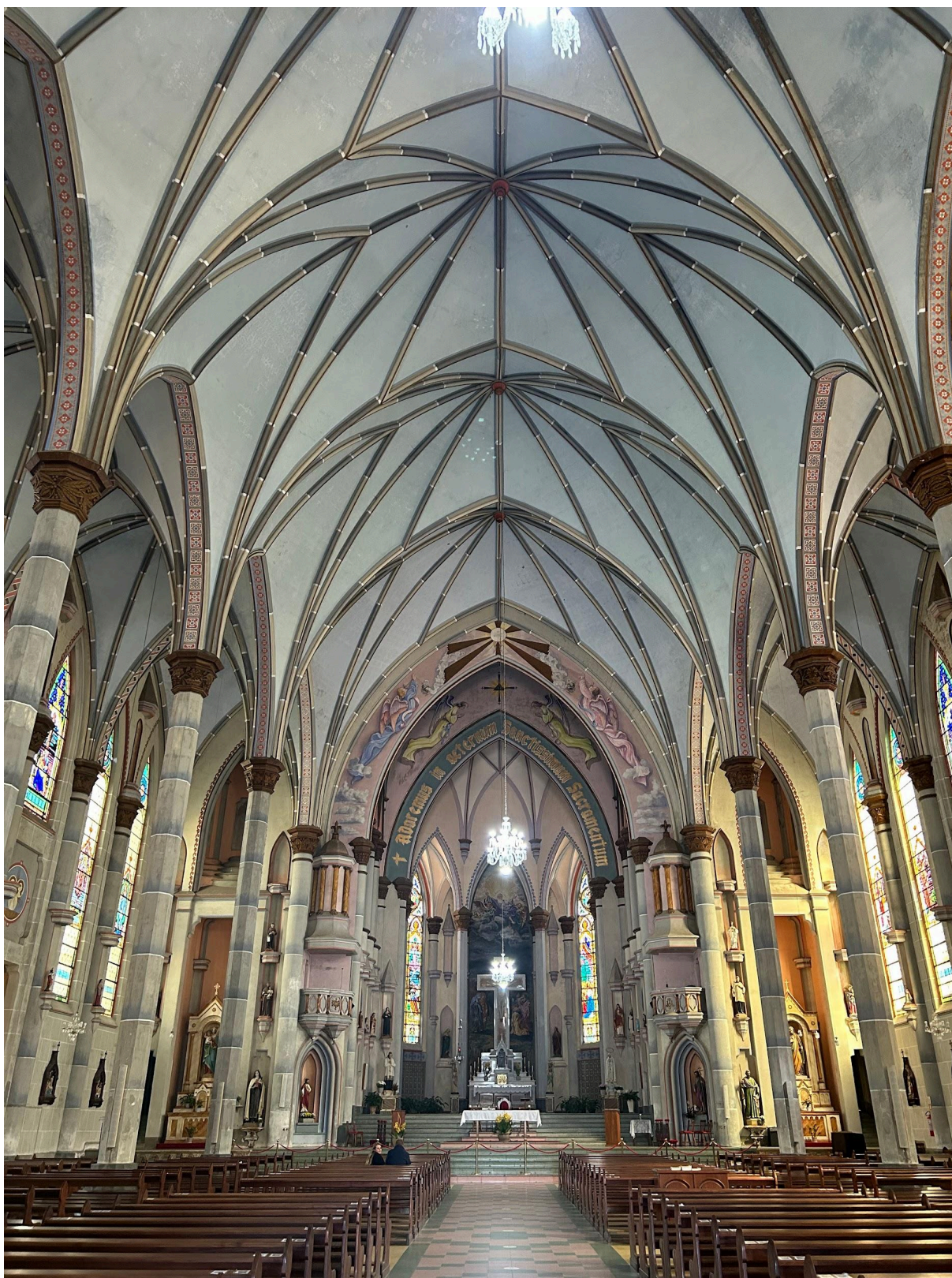


Figura 14 – Vista do interior da Catedral São João Batista, com o altar-mor ao fundo.
Fotografia da autora.

CAPÍTULO 2. MEMÓRIA E IDENTIDADE NA ARQUITETURA

Localizar-se no espaço pode significar, também, localizar-se em si mesmo. O emaranhado geográfico encontra a subjetividade do indivíduo através da arquitetura que é, quase como uma metonímia, a própria história da cidade: pensar a constituição da paisagem é pensar a urbe e suas relações com o social e o afetivo. Como visto no capítulo anterior, os monumentos de uma cidade

carregam-na de sentido simbólico; testemunham sistemas mentais da época em que foram criados e solicitam, não raro, uma relação não apenas perceptiva mas também efabuladora, que mistura os tempos presente e passado, as histórias individuais às coletivas (Freire, 1997, p.55).

Tão importante quanto entender os projetos motivadores das edificações que fazem parte de nosso cotidiano e saber ler os signos estrategicamente nelas inscritos, coloca-se a apropriação por parte do público que confere, de fato, o sentido do lugar.

Sabemos que o ser humano é um ser sinestésico que constrói uma situação de mundo, localizando-se nele, a partir de suas interações perceptivas. [...] Cada construção perceptiva, no entanto, é produto de uma cultura arranjada a partir da dinâmica e dos usos do espaço em que esta se constrói. Assim, a tolerância ou o apreço por odores, sonoridades, toques e texturas, sabores e visualidades, está intrinsecamente relacionado à construção de relações estabelecidas culturalmente. Isto ocorre não de forma generalista, uma vez que em cada cultura existe a coexistência das microculturas. Estas implicam diversos aspectos como individualidades, diferenças entre classes sociais, ritos e crenças, entre outros (Terraza, 2015, p.41-42).

Para além de mapear uma breve história de Santa Cruz do Sul pelo recorte da construção da Catedral São João Batista – e todas as revelações sócio-políticas decorrentes deste estudo –, a máxima persiste: de que maneiras este monumento religioso dialoga hoje com seus observadores ou influencia o imaginário de suas vivências na contemporaneidade? Quais funções ele cumpre ou deixa de cumprir?

2.1 EDIFÍCIOS DE MEMÓRIA

Conceituar um objeto em razão de sua carga artística tende a ser especialmente complexo uma vez que sua capacidade utilitária coloca em conflito sua função primária. Em se tratando da arquitetura, há de se pacificar que talvez nem todo prédio entregue de forma expressa e objetiva seu componente poético, mas é ilógico, insustentável e contraditório que ele não possa ser habitado sob

quaisquer circunstâncias. Naturalmente, a discussão que rivaliza ornamentação e praticidade é uma das mais comuns desde a virada da modernidade⁵⁴, e o equilíbrio entre ambas as frentes não é exatamente o consenso. Cabe a cada arquiteto analisar a vertente que melhor se encaixa em cada contexto, conciliando os recursos disponíveis, os interesses envolvidos e a perenidade concebida ao projeto.

Devido a seu caráter expandido enquanto ciência e arte, a Arquitetura pode ser pensada com o auxílio de outras áreas do conhecimento, tais como a História, a Psicanálise, a Sociologia e a Filosofia. No que diz respeito à interação dos edifícios com os homens e à percepção dos sujeitos acerca dos espaços construídos que observam, tão importante quanto a situação do urbanismo em si, estudiosos renomados como Maurice Merleau-Ponty e Roger Scruton teceram contribuições inegáveis ao campo da Estética. Enquanto aquele se deteve de forma ampla às manifestações artísticas atravessadas pela análise fenomenológica⁵⁵ do encontro com o objeto (tido com um evento multissensorial), este último trouxe o enfoque da arquitetura no binômio perceptivo da literalidade-imaginação⁵⁶.

Mas de que maneira uma igreja se relaciona com a memória e a identidade de um povo? As edificações que observamos são, em si mesmas, utilitárias, impregnadas de funções previamente designadas e, não raro, plurais: paulatinas ou transformadas através dos anos. Tais como obras de arte, os prédios podem ser encomendados para simbolizar um momento marcante, uma mudança política ou um grupo específico dentro do discurso imagético, mas ao longo de sua permanência no tempo-paisagem não é a vontade do arquiteto responsável pelo

⁵⁴ Notadamente com a exaustão da corrente historicista no século XX, as teorias da arquitetura moderna optaram, em grande medida, por uma adaptabilidade entre função e visualidade que prezou por formas mais limpas, secas e geometrizadas nos espaços urbanos e edificações no geral. As inovações tecnológicas garantiram praticidade combinada com finalizações mais endurecidas e estereis quando comparadas às fachadas adornadas de pilastras e esculturas figurativas, que já não carregavam nenhuma mensagem original e não correspondiam às necessidades das sociedades em questão. Isto não significa, é claro, dizer que esta ou aquela seja superior, marcando cada qual os avanços de seu tempo (Collins, 2011; Keller, 2001; Pevsner, 2015).

⁵⁵ Uma definição de fenomenologia seria “o estudo das essências” que versa sobre o sistema de ação e reação permeando a experiência humana e a percepção dos objetos artísticos e do mundo em geral. Assim, as coisas que contemplamos não são neutras, mas investidas em nós tanto quanto estamos investidos nelas – evocando gostos, condutas, reações e atitudes específicas em cada caso. Nenhuma análise posterior ou definição conceitual de uma obra substitui, portanto, a experiência perceptiva direta do contato-evento ali ocorrido (Merleau-Ponty, 2011). Cabe apontar que o autor não teoriza especificamente sobre a arquitetura, mas seu trabalho é aplicado de forma abrangente.

⁵⁶ Roger Scruton, em *Estética da Arquitectura* (2010), defende que há distinção entre uma experiência literal (ou vulgar) e outra imaginativa, sendo esta segunda a experiência da arquitetura – pois reflete um ato de atenção imaginativa, uma escolha ativa, e, em certo sentido, livre. Estaria conectada ao conceito de prazer estético (derivado de um juízo de gosto) dependente de processos de pensamento, interpretativos e nos quais a compreensão foge de um imediatismo objetivo.

projeto que ditará o que ele significa para as pessoas que convivem com ele. Além disso, quanto menos óbvios forem os ideais que busca evocar, mais efetivo e instigante será o processo de desdobramento dos seus simbolismos. Se não bastasse, um templo religioso aumenta ainda mais as possibilidades nas quais os observadores ou frequentadores podem conectar-se ou reagir a esta criação – a Catedral, bonita ou feia, é também a materialização da instituição que representa.

Nosso contato com os ambientes e espaços construídos vai muito além de meros gostos pessoais, categorizações estilísticas ou recorrências práticas: tudo que nos circunda tem também um impacto no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos e nos modos como criamos afetos nos mais distintos momentos de nossa existência. Os “palácios de memória”, como conceituados por Lucy Huskinson em seu estudo *Arquitetura e Psique*, são edifícios que atuam como “depósitos de ideias” e “emprega[m] o imaginário arquitetônico a fim de encorajar ideias específicas”, tendo as construções da tradição cristã⁵⁷ como exemplo (2021, xix-xxi). Através de um “processo de identificação mimética”, o sujeito acessa a carga significativa do lugar e utiliza estas características de forma inconsciente, como que imitando seu caráter⁵⁸ e as qualidades que deseja para si:

procuramos nos projetar fora de nosso corpo mortal e na estrutura duradoura dos edifícios a fim de sentir que adquirimos fortificação e proteção adicionais contra a ansiedade da morte. Assim como tornamos a vida significativa e coerente projetando nela nosso desejo de certeza e orientação, nossa percepção da arquitetura implica que projetemos na sua estrutura e solidez a experiência de continência estabilizadora que buscamos para nós mesmos. (2021, p.55).

A autora também aponta que “qualquer edifício, especialmente aqueles que encontramos com regularidade, configura nossa identidade”, em uma constante de aversão e atração, na dualidade do deslocar-se e pertencer àquele lugar⁵⁹ (Huskinson, 2021, p.48). Se o que precisamos de maneiras implícitas a nós mesmos é resistir à passagem do tempo colocando-nos em estruturas reforçadas, isto

⁵⁷ Neste caso, seu uso se dá como “instrumento de ensino, em questões relacionadas ao corpo e à comunidade da Igreja, ao amor romântico e ao corpo virginal, e inclusive como um meio de meditação para a oração e a contemplação espiritual” (Huskinson, 2021, xxi).

⁵⁸ A arquitetura se coloca para além de uma “contraparte metafórica e abstrata do *self*”, segundo a autora, e responde através dos edifícios a “ambos os componentes do *self* dividido”, ou seja, a parcela consciente (agente ego) e a parcela inconsciente, naturalmente de formas diferentes (*Ibid.*, p.72).

⁵⁹ Wasserman, em sua discussão sobre a polissemia do conceito de identidade, enfatiza também a “transitoriedade dos processos identitários”, ou seja: São mutáveis, flexíveis e transformam-se conforme a época, os lugares e mesmo conforme a idade cronológica do indivíduo ou do grupo (2001, p.8)

significa afirmar também que a destruição de um lugar que nos é familiar ou sua modificação pode causar sentimentos de desestabilização, desconforto e fragilidade. Assim, nenhum edifício poderia ser inerentemente opressivo ou defensivo – tudo depende de como nos relacionamos com aquilo que vemos.

O encontro com o espaço construído é entendido por Huskinson como um evento arquitetônico, um processo marcado pelo intercâmbio dinâmico da edificação com o observador. Ao colocarmos nosso corpo em frente a uma igreja, por exemplo, apresentamos a tendência de descrevê-la a partir de sua horizontalidade ou verticalidade, quantas torres e pináculos vemos, as cores e formas que recortam seus arcos e etc., de modo que nossa resposta cerebral é objetiva à expectativa de encontrar certa “lista de itens”. Em estudos mais aprofundados, pode-se dizer que uma edificação é constituída de um “excedente de significados”, tornando-a um símbolo (uma aproximação entre o revelado, de mais fácil acesso e que está ligado à consciência do ego, e o oculto, alimento para o inconsciente).

Quando percebemos algo com *status* simbólico, somos compelidos a empregar um registro de experiência diferente daquele envolvido em nossa percepção literal das coisas, pois nossa atenção para o objeto simbólico não repousa sobre o próprio objeto, mas é direcionado para além dele, para significados que não são imediatamente evidentes ou discerníveis no objeto. (Huskinson, 2021, p.68)

Para superar a compreensão racional, prescritiva e imediata do edifício, o pensamento toma rumos imprevisíveis através da percepção imaginativa, chegando a conclusões sobre o contexto no qual estamos imersos ou encontrando gatilhos de autodescoberta e epifanias, revelando também concepções reprimidas semelhantes a um “pensamento onírico”, tais quais as informações que acessamos no trabalho do sonho e mostram-se ilógicas ou até incoerentes. “O inconsciente pensa sem direção ao ligar uma série de imagens, sentimentos, memórias e sensações à percepção que a pessoa tem das coisas” (2021, p.130). O que acontece (ou pode acontecer) é um envolvimento transformacional, positivo ou negativo, que despertado pela nossa curiosidade, reconstrói os espaços a partir do que apreendemos dele – não só visualmente, mas por um apelo sinestésico que pode ser fantasioso – e nos devolve nossas necessidades e segredos moldados pelo encontro.

Huskinson deixa claro que, de uma perspectiva objetiva e consciente, não percebemos o evento acontecendo, e nem todas as pessoas estão propensas a tomar contato com o pensamento criativo do inconsciente e *insights* fortuitos

originados em partes adormecidas de nossa mente, uma vez que nem sempre chegam à superfície. Uma possibilidade, contudo, é encorajar o acontecimento da interação a partir de atividades dirigidas como a simples caminhada pelas ruas⁶⁰ corriqueiras que passamos e vemos, mas não notamos de fato (acompanhados por novos pontos de vista deste lugar tão familiar, através da *notitia*⁶¹). Não se pode forçar tais pensamentos, mas podemos nos distrair e arranjar novos caminhos para que tenhamos tempo e chance de aproveitá-los. São os elementos levemente desconcertantes que nos fazem hesitar; as distorções ambíguas mas sutis, e uma tendência ao paradoxo do belo e do feio que nos prendem; a coexistência de hibridismos, sem obviedades, que nos botam a investigar os prolongamentos e configuram a arquitetura evocativa por excelência⁶². A interferência de luz e sombra é particularmente interessante nesse aspecto para associar com outros “cômodos” da nossa imaginação, nos levando a indagar sobre as coisas escondidas atrás das portas, as mudanças nos detalhes e as ausências que nos seduzem.

Uma edificação tem sua própria história e a memória relacionada à sua construção, além dos ideais que carrega no seu código visual. Como vimos, podemos depositar nela nossas próprias memórias e necessidades recíprocas, além do que vivemos e sentimos circunscritos neste ambiente. Maior do que uma necessidade psicológica de identificação com suas fundações, podemos nos identificar com um grupo a partir de um monumento arquitetônico em comum que paira sobre as habitações e atividades que praticamos. De um ponto de vista sociológico, as pessoas interagem com a arquitetura na medida em que se conectam afetivamente com os lugares que percorrem ou habitam, e a projeção do espaço construído é também do grupo que se vale deste ambiente prescrito.

Dentre a infinidade de conceitos que podem auxiliar nesta discussão, o sociólogo francês Maurice Halbwachs demonstra a importância das experiências em

⁶⁰ O andar pela cidade é colocado por Cristina Freire (1997) como condição para estabelecer relações com os monumentos e o espaço urbano em geral, além de ter sido usado diversas vezes como catalisador ou material artístico, tal qual o caso dos Situacionistas e seu conceito de deriva em um comportamento lúdico-construtivo.

⁶¹ *Notitia*, com origem no latim, significa “vir a conhecer”, derivado de *noscere*, e a exemplo do teórico James Hillman, seria “uma abordagem do mundo a partir de uma perspectiva de ainda não saber, ou de presumir não saber” o que está em determinado lugar ou objeto observado. Ela busca características únicas e abre-se à possibilidade da surpresa no registro inconsciente da experiência, estabelecendo uma conexão íntima com o espaço. É uma “participação corporificada em coisas que percebemos por meio de todos os sentidos”, requerendo paciência e tempo do sujeito envolvido, prestando atenção às especificidades e estando presente no momento (Huskinson, 2021, p.205-207).

⁶² Não são raras as menções à arquitetura de matriz gótica ou revivalista gótica em se tratando de uma potencialidade evocativa da experiência sensível e da atividade elaborativa inconsciente (*Ibid.*).

sociedade como fator decisivo não apenas para a perpetuação da memória de um grupo como na relação individual de lembrança dos acontecimentos. Sua teorização acerca da memória toma o sujeito como parte das tramas sociais nas quais está inserido (conscientemente ou não), de forma que este núcleo de identificação é limitado no tempo e no ambiente físico que estas pessoas ocupam: as memórias individual e a coletiva não se sobrepõem, mas a primeira geralmente busca subterfúgios na segunda para estruturar-se, a partir de uma “massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras”, e assim podem confundir-se (2006, p.69).

A memória coletiva distingue-a da história na medida em que é múltipla, pois cada grupo tem seu próprio conjunto de lembranças, ainda que dentro da mesma cidade, enquanto consideramos a história como única, segmentada e ordenada de forma didática. Isto se dá porque

no desenvolvimento contínuo da memória coletiva na realidade não há linhas de separação claramente traçadas, como na história, mas apenas limites irregulares e incertos. O presente (entendido como o período que se estende por certa duração, a que interessa à sociedade de hoje) não se opõe ao passado como dois períodos históricos vizinhos que se distinguem. O passado não existe mais, enquanto para o historiador os dois períodos têm tanta realidade um como o outro. A memória de uma sociedade se estende até onde pode – quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos de que ela se compõe (Halbwachs, 2006, p.104-5).

O que deixa de ser lembrado não é exatamente intencional ou reflexo de indiferenças, mas justamente a ausência ou desaparecimento dos núcleos que carregavam em si aquela informação afetiva. Este pensar não é simultâneo, automático ou constante – além da vontade de lembrar, muitas condições precisam estar alinhadas, como retornar (de corpo ou mente) ao lugar da memória. Para tanto, não bastaria acessar apenas percepções daquilo que se encontrou antes, mas aproximar-se de determinada ordem pela qual estas sensações foram reveladas, “ordem essa resultante da sua posição no espaço”, como uma disposição ao reaparecimento das lembranças (2006, p.53).

Assim, não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos

voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça (Halbwachs, 2006, p.170).

O trabalho de memória é caracterizado por seu dinamismo e seguidamente se baseia na sobreposição de relatos externos, projeção de imagens e na dedução daquilo que o tempo coletivo não mais nos permite ter contato. Uma noção de pertencimento é descrita por Halbwachs através das semelhanças apresentadas entre membros do mesmo grupo ou de segmentos desta unidade maior que foi se renovando: “No momento em que examina o seu passado, o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo”, garantindo que “ele sempre se reconheça nessas imagens sucessivas.” (2006, p.108-9).

Ainda em seu volume célebre *A memória coletiva* (2006), o sociólogo tece comentários específicos sobre comunidades religiosas e igrejas nas suas relações com o passado e com os indivíduos que ali tomam parte, relatando a importância da visualidade de “determinados lugares, determinadas localizações ou certas disposições dos objetos” (p. 182) para demarcar de forma material a separação entre sagrado e profano no espaço em questão. A comunidade ali criada será capaz de reconstituir os pensamentos ou lembranças em comum e, igualmente, experimentar repetidas vezes o estado de espírito que atribui ao lugar santificado, constituindo sua própria “memória coletiva religiosa” que é reforçada pelo hábito do culto, do conhecimento dos ritos e da imutabilidade das imagens (p.183). Por fim, a conexão da memória com o espaço e sua estabilidade frente ao passar do tempo reflete no que o autor denomina “topografia religiosa”, qual seja, a rememoração de eventos de um passado muito distante ocorridos em locais específicos que acessamos porque acreditamos que de fato existe, a exemplo da crucificação de Cristo que poderá ser evocada em qualquer lugar do mundo com apenas uma cruz.

Mais do que qualquer outro, um grupo religioso precisa se apoiar num objeto, em qualquer parte da realidade que perdure, porque em si ele não pretende mudar, enquanto à sua volta todas as instituições e os costumes se transformam e as ideias e as experiências se renovam. (Halbwachs, 2010, p.184).

Partindo do pressuposto de que nossa relação corpórea com a arquitetura ativamente molda nosso senso de identidade e os sentimentos de pertença ou exclusão de uma comunidade, bem como permite que memórias dos mais diversos teores sejam (re)acessadas por sua permanência na paisagem, voltamos à Catedral.

Dessa vez, ela será lida através da subjetividade dos seus observadores, de forma literal e, em alguns casos esparsos, com abordagem imaginativa.



Figura 15 – Vista da fachada da Catedral São João Batista com destaque para a porta principal e para o vitral acima centralizado, que homenageia o padroeiro da cidade. Fotografia da autora.

2.2 A CATEDRAL SÃO JOÃO BATISTA NA CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO DE CASO

Consoante à busca pelos significados literais e simbolismos intrínsecos deste prédio (não-verbais, misteriosos e despertados apenas no encontro do indivíduo com o espaço edificado), desde o mapeamento dos contextos do seu projeto e posterior construção, surgem questionamentos que talvez possam constituir o factual diferencial deste estudo. Uma Igreja, enquanto matéria erigida com um propósito, não existe apenas de uma forma prática e objetiva, como um fim em si mesma. Conforme exposto a partir das relações psicanalíticas trabalhadas entre o sujeito e a arquitetura, bem como as elaborações da memória social associadas ao patrimônio cultural, quer-se pensar qual é a influência atribuída no momento contemporâneo à Catedral São João Batista, localizada em Santa Cruz do Sul. Assim, a teorização busca dar um passo além da mera apreensão pessoal da autora, mas buscando evidências para suposições já familiares.

O estudo de caso que aqui se apresenta parte de um questionário⁶³ *online* realizado de forma anônima através da plataforma de formulários do *Google*, durante a primeira semana de abril deste mesmo ano, constando de 12 perguntas que variaram entre múltipla escolha e respostas descritivas livres⁶⁴. Delimitou-se o público-alvo deste questionário como qualquer pessoa com 18 anos ou mais que tenha nascido em Santa Cruz do Sul, more ou já tenha morado, ou então que trabalhe na cidade (estas alternativas não eram excludentes entre si, nem necessariamente concomitantes). O endereço eletrônico que dava acesso ao conjunto propositivo foi inicialmente enviado pela autora para conhecidos que se encaixam na descrição especulada⁶⁵, junto com o convite de que este documento virtual pudesse ser repassado para todos aqueles que se interessassem em participar da pesquisa. Ao total, contabilizou-se 177 submissões ao questionário.

⁶³ A escolha pelo formato do questionário pode ser atribuída ao seu caráter democrático, uniforme e impessoal, além da possibilidade do anonimato nas devoluções. As perguntas são, então, possíveis gatilhos para aflorar as percepções sensíveis e recriar os cenários e espaços (re)construídos na mente dos participantes, mas as condições para que isto acontecesse de fato dependiam das disponibilidades corporais e psicológicas dos respondentes. Realizar entrevistas poderia configurar um método demasiado tendencioso nas respostas que seriam interessantes de receber.

⁶⁴ A integridade do questionário proposto está disponível no Apêndice A.

⁶⁵ A amostra inicial dos respondentes consistiu em 10 pessoas, entre os quais estavam meus pais, ex-colegas do Colégio Marista e amigos de outros círculos, que receberam o link por *Whatsapp* com uma breve explicação sobre esta pesquisa e o pedido de passá-la adiante. No mesmo dia, postei o link do Questionário em meu *Instagram* – e assim qualquer pessoa que tivesse acesso a ele poderia participar e continuar a corrente de encaminhamento.

Dividido em três seções temáticas, o *Questionário sobre a Percepção da Catedral São João Batista* mapeou dados como a idade dos entrevistados, a autoidentificação étnica de cada um e suas respectivas escolaridades; na sequência, com a intenção de conhecer melhor o perfil dos indivíduos, foram propostas questões sobre ascendência alemã na família, orientações religiosas, relações com a Catedral e memórias específicas que o público associa com o prédio; finalmente, como foco na percepção do monumento arquitetônico, questionou-se elementos que captam a atenção, tanto na parte interna quanto externa, a sensação despertada ao habitá-lo, sua função e uma possível conexão com a comunidade a partir dele.

Embora a metodologia fenomenológica de Merleau-Ponty tenha inspirado, em um primeiro momento, a curiosidade pela percepção sensível e aprofundada de cada entrevistado, logo ficou claro que este modo de operação era inviável. Como aponta Huskinson (2021), muitos dos significados absorvidos pelos sujeitos que olham estes lugares são basicamente impossíveis de traduzir objetivamente – e quaisquer descrições aprofundadas implicariam um conhecimento prévio por parte dos participantes quanto a essa filosofia experimental, ou o conforto de uma pré-disposição poética. Propor entrevistas-experiência que garantissem uma caminhada ou circuito imersivo pelos arredores da igreja antes ou durante o preenchimento do questionário seria muito interessante, mas pareceram igualmente complicadas de concretizar na prática. A escolha por simplificar as perguntas propostas e aplicá-las remotamente foi uma tentativa de garantir maior adesão, alcance e diversidade na pesquisa, embora a expectativa a todo tempo fosse de retornos bastante detalhados, extensos e, quando muito, com conteúdo afetivo⁶⁶. Para analisar e demonstrar os resultados obtidos, parte-se dos mais recorrentes em direção aos mais peculiares, atribuindo maior valor aos relatos mais destoantes.

Quanto ao grupo etário dos indivíduos, a maioria dos respondentes configurava entre 46 e 59 anos (71 pessoas), seguido dos grupos entre 18 a 29 anos (47 pessoas) e 30 a 45 (32 pessoas). As menores parcelas foram de 60 a 75 (25 pessoas) e 76+ (2 pessoas). Mais de 90% destes se identificam como brancos, somando 8 respostas de pessoas pardas e 6 de pessoas pretas. Nenhum indígena

⁶⁶ O interesse em depoimentos mais descritivos e repletos de conteúdo sensível/afetivo surge a partir da pesquisa realizada por Cristina Freire em *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo* (1997), que teve seus desdobramentos guiados pelos relatos dos entrevistados. Sua metodologia, contudo, consistiu em entrevistar presencialmente diversas pessoas em cinco museus distintos de São Paulo, e contou com a colaboração dos participantes que aceitaram doar seu tempo e suas recordações à investigação.

ou amarelo respondeu o questionário durante o seu tempo de vigência. Quanto à escolaridade, a predominância foi do ensino superior completo, acima de 70%, seguido do superior incompleto e do ensino médio completo, com apenas uma resposta constando como médio incompleto. Ainda na abordagem quantitativa, cabe apontar que, do total de entrevistados, apenas 50 dos 177 afirmaram não terem descendentes de alemães na família (nesse sentido, não havia uma pré-determinação de quantas gerações anteriores poderiam ser consideradas).

Alguém na sua família é descendente de alemães?

177 respostas

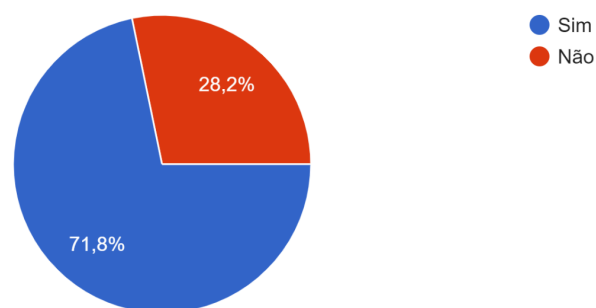


Figura 16 – Porcentagem dos respondentes com descendência alemã. Fonte: Questionário.

Tomando cada pergunta do questionário e suas respectivas devoluções como uma unidade exploratória em potencial, as categorias temáticas que derivam destas foram entrelaçadas, expandidas e, por vezes, mostraram-se interseccionadas. Na tentativa de traçar um perfil dos voluntários da pesquisa, um número significativo se manifestou como adepto ao catolicismo, embora outros tenham usado o termo “pouco praticante” ou “não praticante” para definir-se. Alguns se denominam apenas cristãos, sem afiliação qualquer às instituições estabelecidas (há uma diferenciação consciente entre a fé e a espiritualidade em contraponto às estruturas de poder ou hierarquia nesse sentido – muitos afirmam que não frequentam a igreja, mas rezam em casa). Grande parcela respondeu “não/nenhuma” à identificação e/ou prática religiosa, ou uma mistura de crenças. Entradas menos expressivas em quantidade foram: religiões de matriz africana como a umbanda; o sincretismo da umbanda-catolicismo; o espiritismo; a mescla identitária do catolicismo-espiritismo; evangélicos de confissão luterana; ateus; agnóstico; universalista; budista; praticante do xamanismo e espiritualistas.

Sobre a relação pessoal com a Catedral São João Batista, e possíveis memórias específicas que são associadas com o prédio da igreja, muitos apontam a passagem pelos arredores no trajeto diário ou quando estão circulando pelo centro da cidade, como um recorte do cotidiano. Fração considerável destas pessoas frequentam esporadicamente as missas, mas não são poucos os relatos sobre aqueles que preferem visitar o espaço em horários sem culto para meditar tranquilamente, em uma relação particular com seu Deus (mesmo os não-católicos). Além disso, muitos depoimentos acerca das celebrações que convocam a presença no templo: batismos, catequese e eucaristias, crisma, casamentos e concertos – de toda forma, o prédio é palco de momentos simbólicos, seguidamente uma tradição de família, mas que reúne simpatizantes ou convidados destas festas. Um certo sentimento de nostalgia toma conta dos entrevistados que mencionam a conexão do espaço arquitetônico com acontecimentos da infância passada, através da reconstrução das memórias de outras pessoas:

De criança até a adolescência, frequentava com frequência, brincava, batíamos o sino no natal, ano novo... uma vez que éramos vizinhos. Meu pai aos 12 anos subiu na torre que à época estava sendo construída. Uma tia avó, velhinha, ao segurar a corda do sino, para bater, "foi içada para o alto". São muitas histórias, muitas lembranças. Explorávamos cada canto da catedral. Subir no relógio etc.. (Questionário, resposta anônima).

A rememoração do trabalho coletivo e diário para tocar o sino é também ativada na entonação de suas badaladas, trilha sonora inconfundível no centro da cidade – e até onde o som chegar, marcando a hora de sair ou voltar para casa, além de anunciar a aproximação das missas. Outras marcações imagéticas bastante fortes são traduzidas nas associações com a celebração do Natal, a montagem do presépio dentro da Catedral, a missa do galo (um clássico) e as visitas do Papai Noel, figura lembrada por escalar as altas torres do prédio. Consoante a isso, a participação na feitura dos tapetes de Corpus Christi ou nos corais da igreja atravessa a história destas famílias. “Considero ela parte da ‘personalidade’ de Santa Cruz. Faz parte da história de cada habitante!” (Questionário, resposta anônima). As associações se confundem com o repertório oral passado adiante: “Contam que meu pai passou de avião próximo às torres. Não sei se é verdade ou virou lenda” (Questionário, resposta anônima).

A afetividade pelas lembranças dos entes queridos e recordações dos momentos compartilhados aflora, em um misto de particular e universal: “Minha avó

me ensinou quando pequena a fazer promessa para Nossa Senhora e dentro da igreja tem uma imagem, então quando preciso realizar algo muito 'difícil' vou até lá para fazer uma a promessa a ela” (Questionário, resposta anônima). A construção também cumpre seu papel como local de reconforto e lugar de reencontros:

A primeira coisa que penso foi decidir ir na catedral quando uma amiga estava no hospital, ao chegar lá cruzei com um conhecido que estava lá pelo mesmo motivo e apesar de não ter sido dita nenhuma palavra e nem sermos tão próximos o abraço que demos na catedral foi muito marcante (Questionário, resposta anônima).



Figura 17 – Detalhe de capela lateral dedicada à Virgem Maria. Na parte inferior nota-se sinais de desprendimento da pintura na parede. Fotografia da autora.

É notável a influência marcada pelo aprendizado nas escolas católicas, hoje com seu único expoente no Colégio Marista São Luís, fundado em 1903, localizado a uma praça de distância do prédio da igreja. Além de proporcionar vivências próprias da religião católica dentro da instituição, como grupos da pastoral jovem e capela com confessionário (apenas em datas específicas), celebra no mês de junho o aniversário do fundador da rede, Marcelino Champagnat, momento em que quase todos os alunos são levados à Catedral São João Batista para uma missa celebratória e podem, inclusive, candidatar-se a proferir algumas das liturgias. Além dele, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, fundado pelas irmãs Franciscanas em 1874 (e em funcionamento até 2002) marcou gerações com sua pedagogia pautada nos ensinamentos cristãos. Edificado ao lado da igreja, hoje opera com ensinamentos fundamental e médio, além de faculdade, sob o nome de Dom Alberto, homenagem ao primeiro bispo da Diocese.

Tenho muitas memórias relacionadas à Catedral, por ter estudado em escolas católicas, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Eu ia frequentemente nas missas, participava inclusive das leituras (período da catequese). Lembro das músicas e de períodos anteriores à Páscoa e Natal, em que a gente precisava se confessar. Lembro do cheiro dos bancos de madeira, dos livros de canto... Lembro que saíamos da igreja no domingo de noite e íamos para o cinema... (Questionário, resposta anônima).

A evocação da família surge também como um pertencimento por direito, no orgulho tímido da conexão com a obra: “Meu bisavô fez parte da construção da catedral” (Questionário, resposta anônima). Participar de eventos históricos cria, de maneira semelhante, um lugar de proximidade, que pode ser averiguado para além da recordação: “O momento mais marcante na Catedral foi na missa de falecimento do Papa João Paulo, incrivelmente lotada. Eu, criança, olhava para o teto cheio de pinturas e me encantava com tudo aquilo” (Questionário, resposta anônima). No caso dos entrevistados que não manifestaram nenhuma relação mais elaborada ou memória associada a um viver mais íntimo do prédio, destacam-se as menções de admiração pela beleza do espaço e a delimitação como ponto turístico para levar os amigos e parentes que visitam a cidade.

Adentrando a categoria de investigação da percepção, a questão proposta era imaginar-se parado em frente à Catedral, e por ocasião deste gatilho anotar o seu foco de observação instantâneo. É interessante perceber como a visão externa e a relação criada pela observação da fachada parecem muito mais afastadas e

objetivas, imediatas, ainda que a provocação fosse pelo “primeiro elemento que capta a atenção”. A reconstrução mental do espaço físico a partir de onde a pessoa estivesse respondendo as perguntas não necessariamente fornece todos os detalhes revelados no aqui-agora, e para aqueles que não visitam o espaço com frequência o esforço pode ser aumentado. Como era esperado, repetidos comentários sobre a altura das torres e seu formato pontiagudo tocando o céu configuraram grande parcela das submissões. As portas de entrada cuidadosamente entalhadas e os detalhes dos arcos ogivais foram trazidos com a “ideia de uma grande recepção”, em uma apreensão convidativa do templo.

Outros pontos em comum são as janelas e vitrais comuns do estilo neogótico, com suas cores e cenas bíblicas; o relógio (muito pouco lembrado, de fato); o contraste entre o jardim colorido da frente e as cores mais apagadas do prédio; a imponência da verticalidade e a “percepção de que somos pequenos diante de Deus”, ou sensação de pequenez; o som dos sinos – aqui mais uma vez mostrando sua onipresença, pois que eles tocam apenas de 15 em 15 minutos – e a descrita sensação de paz. As memórias podem ser evocadas, também, sem detalhar a literalidade do monumento: “A história que minha mãe conta, que meu bisavô ajudou a construir a mesma” (Questionário, resposta anônima).

A presença pela ausência pode ser sentida em alguns casos: “A lembrança dos arbustos que havia antigamente, era onde nos escondíamos quando brincávamos de esconder” (Questionário, resposta anônima). A interação sensível para além da visualidade vai revelando as sinestésias próprias do lugar, como o cheiro de água benta e um “cheiro gelado” sentido por uma das entrevistadas. Para outra respondente, a observação toma rumos mais imaginativos: “gosto do formato e da altura, sempre imagino o que tem dentro dos quartos mais altos” (Questionário, resposta anônima). Outros retornos mais atípicos mencionam “as cruces de ferro lá no alto” e “o Sacrário, porque contém as hóstias sagradas”, “ali está Jesus vivo e presente”.



Figura 18 – Detalhe de vitral no interior da Catedral, mostrando à esquerda um indígena em posição de rendição, e ao centro dois padres jesuítas com as ruínas da redução de São Miguel das Missões ao fundo. Fotografia da autora.

Na medida em que a proposição do questionário se coloca no interior da igreja e indaga acerca da sensação de se estar dentro do espaço construído (e

como ele é percebido), os retornos tendem ao reencontro da subjetividade experimentada nas recordações transcritas anteriormente. Delineia-se uma maioria bastante confortável e deslumbrada com o ambiente, mencionando a tranquilidade e paz advindas do encontro com o salão silencioso, ao passo de que crescem as dissonâncias, como é o caso de uma entrevistada que fixou-se na iconologia dos adornos: “É uma igreja bonita, mas recentemente notei um vitral que mostra padres convertendo pessoas indígenas ao catolicismo e isso me deixou muito desconfortável. É um detalhe que eu nunca tinha notado antes” (Questionário, resposta anônima). A recorrência da visita não marca uma conexão imediata: “Embora eu tenha entrado muitas vezes, por não ter nenhuma religião, sinto como se fosse um lugar estranho, algo muito distante de mim” (Questionário, resposta anônima).

Nesse sentido também estão os estranhamentos com a quantidade de iluminação própria da edificação: “Ela é bem exuberante, grande. Mas acredito que igrejas em geral, ela se incluindo, têm um ambiente escuro que passa um sentimento meio pesado. Eu me sinto bem quando vou lá, mas acho o ambiente menos acolhedor por ser escuro” (Questionário, resposta anônima). Mais relatos interessantes versam sobre sentir-se anônimo na dimensão vazia do prédio sem multidões, sobre um nervosismo e pressão de estar naquele local e um “sentimento contraditório entre serenidade e conflito” (Questionário, resposta anônima).

Muitas pessoas indicam um certo desleixo no que diz respeito à conservação da igreja (por dentro e por fora), descaso com os cuidados das pinturas e odores de mofo, vendo-a como “mal cuidada”, embora exista hoje um projeto de restauro em curso que busca angariar recursos para a efetividade das obras de manutenção e reparo das partes estrutural e decorativa. Ainda assim, “parece um pouco abandonado”. Outra reclamação surge sobre a acústica, apontada como insatisfatória. Para alguns respondentes, contudo, as características olfativas e sonoras não são de todo negativas: “Consigo lembrar do cheiro, do frio, dos sons que ecoam, do barulho do sapato no chão e da sensação de imensidão que sinto olhando para o altar” (Questionário, resposta anônima). Diversas dualidades são percebidas uma vez que, enquanto parte das respostas menciona a beleza e impacto visual da decoração e dos símbolos religiosos, que remetem a um “tempo histórico”, alguns indivíduos consideram a igreja bastante simples comparada a

“outras mais antigas”, revelando que “o interior lembra o das igrejas evangélicas do mesmo período” (Questionário, resposta anônima).



Figura 19 – Detalhes da estrutura próxima ao altar-mor e seus elementos decorativos. Fotografia da autora.

Se um dos objetivos norteadores desta pesquisa pauta-se em entender a influência da Catedral São João Batista na contemporaneidade, a questão que

melhor apontou indicadores resolutivos foi, de fato, a contribuição mais detalhada e enrijada dos entrevistados. A interrogação cercou a função ou funções cumpridas pelo prédio, bem como sua utilidade (explorando os porquês que acompanharam). Naturalmente, foram muito lembrados seu papel como local adequado para as celebrações dos fiéis, sua função social de acolher os devotos que buscam auxílio espiritual, sua capacidade de proporcionar momentos de reflexão e introspecção e a integração da comunidade a partir da religião. Sua importância também é reconhecida para “embelezar a cidade” e servir de ponto turístico. A materialização da devoção é o encontro com algo maior: “Reconecta o indivíduo com algo que transcende o meramente visível. Também tem o papel histórico de lembrar o esforço e dedicação de um povo que deixou um legado” (Questionário, resposta anônima). Enquanto símbolo da religião católica na região, ela é responsável pela manutenção dos signos milenares associados ao cristianismo e sua continuidade, mas sua potência como monumento de fé ultrapassa as delimitações e ela poderia ser, então, um espaço de acolhimento para todos que quiserem adentrar, “é uma casa que abraça” (Questionário, resposta anônima). As conceituações de patrimônio histórico e cultural se mesclam com a memória da colonização: “é a principal identidade visual de Santa Cruz do Sul, além de simbolizar a mobilização comunitária da época de sua construção e a religiosidade herdada dos imigrantes alemães” (Questionário, resposta anônima).

Proposições contrárias a uma idealização tomam visões de caráter político, sem desconsiderar a carga artística: “Acredito que tal qual a religião em si, o prédio cumpre uma função social de poder e controle sobre a população. Em uma visão mais romântica, enxergo a catedral como um símbolo de inspiração para a arte e o belo” (Questionário, resposta anônima). O tom crítico permeia outros tantos relatos semelhantes, como o que segue:

Acredito que ele cumpre uma função social, política e moral, de reafirmação de alguns valores cristãos, da cultura germânica, ainda elitizado, dos brancos, de pessoas de posses. Infelizmente totalmente distante da realidade social, não buscando justiça ou equidade social. E acredito que cumpra uma função cultural, possibilitando o acesso a esta obra de arquitetura e de um período histórico (Questionário, resposta anônima).

Outros respondentes apresentam sugestões às configurações conhecidas, confirmando sua utilidade no tempo presente:

Sim, acredito que não só por ser o cartão postal da cidade, mas também por todas as pessoas e histórias que já passaram por ali e ainda vão passar. Gostaria muito que a religião e as pessoas que a praticam fossem mais adeptas de atualizações da sociedade atual, fazendo com que mais pessoas conseguissem se sentir pertencentes ao espaço, independentemente de raça, gênero e sexualidade. Acredito que por essa falta de modernização, infelizmente, para grande parte da população, a Catedral ainda tem relevância apenas pela aparência e não mais tanto pela religião ou propósito (Questionário, resposta anônima).

Embora a função de atrair e conquistar fieis tenha sido levantada, muitos relatos lamentam o interesse decrescente dos mais jovens em frequentar os cultos e integrar a comunidade a partir do catolicismo. Ao que os dados indicam, um número considerável dos entrevistados cresceu dentro da tradição da religião, mas foi abandonando os ritos ou as noções mais “engessadas” que foram perdendo o sentido para estes indivíduos. Se os costumes (e memórias) passam de geração em geração, as quebras de ciclos estão conectadas às mudanças de comportamento. É impossível analisar a adesão atual baseada nas questões propostas, mas pode-se observar uma pluralidade de crenças e possibilidades de nutrir as demandas espirituais para além do dogma ali concretizado. Por outro lado, a função da igreja enquanto ponto de referência geográfica na cidade permanece, ocupando posição de destaque nos horizontes que buscam a direção do centro. Apenas um respondente afirmou que a obra arquitetônica não cumpre qualquer função.

Sendo religioso ou não, você sente que a Catedral desperta em ti algum sentimento de conexão ou pertencimento? Você enxerga nela uma identificação sua com a comunidade?

177 respostas

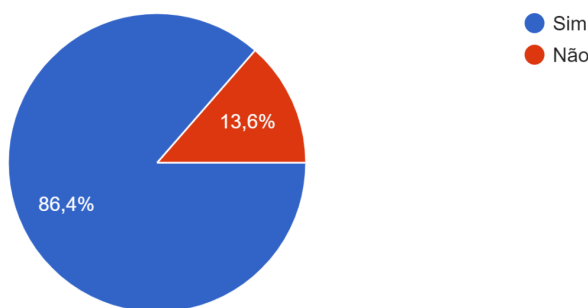


Figura 20 – Porcentagem dos respondentes que se identificam com a Catedral. Fonte: Questionário.

Quando questionados, independentemente da religiosidade, sobre o despertar de um sentimento de conexão e pertencimento através da Catedral São

João Batista, ou sua simbologia como uma identificação do indivíduo com a comunidade, 153 dos entrevistados responderam de forma afirmativa. É muito provável que nenhuma menção à antiga matriz tenha sido feita porque as gerações que cresceram após a sua demolição não puderam acessar esse conjunto visual-afetivo, a não ser, é claro, através da memória de seus familiares e conhecidos que estiveram integrados àquela comunidade. Não havia qualquer pergunta direcionada à velha igreja no questionário, e teria sido uma surpresa agradável ouvir sobre estes fragmentos. Ora, seria necessário entrevistar os cidadãos no avançar dos seus 80 a 90 anos para talvez sentir o real impacto desta ruptura – a história de Santa Cruz do Sul pela memória dos velhos.

Esta análise, contudo, configura um recorte bastante reduzido e não pode ser transposta como uma verdade determinante. Esta nunca foi a intenção. Fica clara a predominância da população branca e católica no questionário, não por uma correspondência específica em suas respostas⁶⁷, mas pela falta de abrangência da vivência de outros grupos da cidade, e de outras memórias que poderiam se conectar distintamente às relatadas aqui. De toda forma, este pareceu o primeiro passo de outros estudos mais aprofundados que podem ser desenvolvidos em um futuro próximo.

2.3 IDENTIDADE A PARTIR DA VISUALIDADE: O MARCO DO COLETIVO

Existem alguns perigos em tomar a parte pelo todo. No entanto, uma resposta submetida ao formulário *online* resume os fragmentos da exposição até aqui: “A história da construção da Catedral se confunde com a história da imigração e colonização alemã, especialmente a região e o município de Santa Cruz do Sul” (Questionário, resposta anônima). Se a religiosidade foi fator determinante para a manutenção da identidade étnica dos colonos, para o conforto das famílias isoladas em uma terra desconhecida e constituiu, posteriormente, a articulação de suas vivências para além do trabalho no campo, era natural que este grupo fosse também o principal encarregado de marcar a preponderância da fé sobre o espaço material. Como já assinalamos, os imigrantes estabelecidos na área rural eram maioria, mas não a totalidade da comunidade católica santacruzense. Quantos devotos ou

⁶⁷ É preciso sinalizar, também, que não foram interseccionadas as respostas com uma procura de tendências (como, por exemplo, o grupo X apresentou maior frequência em atribuir a característica Y na resposta da questão N).

cidadãos comuns contribuíram de fato com a construção e não são lembrados pelo simples fato de não serem alemães ou descendentes destes?

Independentemente, a igreja-monumento esculpiu no imaginário urbano a marca principal da cidade, seu cartão-postal por excelência, muito além da fervorosidade religiosa que moveu sua realização tantos anos antes, na transcendência do ritualístico-espiritual. A Catedral não é, com todas as letras, um monumento ao imigrante – uma obra homônima, inaugurada em 1969, cumpre este papel, que nem de longe oferece o mesmo impacto. O painel em mosaico, criado por Hildo Müller e Bruno Franke, celebra a fundação da colônia e os seus primeiros moradores, localizado também na área central da cidade e medindo 11 metros de largura por 3 metros de altura. Ainda assim, a celebração dos antepassados e o legado dessa história são signos que ela adquiriu ao longo dos anos, por atribuição popular – se desconsiderarmos a campanha midiática que já a concebeu circunscrita nesse simbolismo. O apelo da visualidade criado pela permanência da arquitetura religiosa na paisagem deu, inclusive, origem a uma proposta de Emenda à Lei Orgânica⁶⁸ (hoje arquivada) na Câmara de Vereadores, que pretendia tornar a Catedral São João Batista um dos símbolos do município, juntamente com a bandeira, o brasão e o hino. Sua posição de destaque no horizonte e, igualmente, na malha urbana, tornaram-a ponto de referência geográfica, ponto de encontro e símbolo de apreensão associativa instantânea: a própria imagem de Santa Cruz do Sul⁶⁹.

Voltando ao estudo de caso, os exemplos relatados no questionário localizam a influência perceptiva da Catedral muito mais pautada na sua relação com o passado (seja ele histórico, pelas marcas do tempo ou seja ele individual, pelas marcas das lembranças) do que com o presente. As memórias de infância associadas com a obra, a afetividade do olhar nostálgico juvenil na catequese ou no colégio e a conexão com a família através do espaço comum que costumavam frequentar expandem a noção de “depósito de ideias” para “gaveta de recordações” – a todo tempo, a igreja está ali para ser acessada e permitir a livre seleção de cada experiência pretérita significativa. A atribuição histórica feita pelos respondentes

⁶⁸ Proposta de Emenda à Lei Orgânica nº 01/2004 - Altera o caput do Art. 3º, da Lei Orgânica de Santa Cruz do Sul, acrescentando a Catedral São João Batista como símbolo municipal. Disponível em: <https://www.camarasantacruz.rs.gov.br/documento/projeto-01-2004-21947>. Acesso em 26 jul. 2024.

⁶⁹ A igreja foi caracterizada pelo pároco em exercício como símbolo do município em comunicação pública na campanha de arrecadação de recursos para a restauração do prédio (GAZ, 2024).

parece mais relacionada a um ideal de antiguidade ligada ao patrimônio cultural do que a um domínio dos fatos a ele costurados: “Acredito que ele cumpre uma função histórica. Mas não conheço a história dessa catedral” (Questionário, resposta anônima).

Ninguém tem o dever de conhecer a formação detalhada de sua cidade e as motivações que foram pano de fundo para suas construções e monumentos, mas a apatia generalizada permite que ideias equivocadas continuem sendo perpetuadas. Embora sejam frequentes as respostas com um direcionamento bastante romântico e idealizado voltado apenas para a beleza do prédio e suas inspirações artísticas (um deleite, então, mas sem aprofundamentos, pois poucos atribuem seu gosto a alguma razão), é interessante notar a crescente postura questionadora do papel milenar da Igreja Católica na sociedade ocidental, considerando toda a história de abusos e violências que carrega consigo. Faz sentido que a hegemonia da moral católica e o cultivo do dogma segundo os preceitos ali estabelecidos não tenha a mesma expressão dos tempos da colônia – o que não impede, é claro, de admirar o espaço construído. Uma recorrência preocupante é a afirmação, em muitas fontes bibliográficas e relatos do questionário, de que a Catedral é o maior templo neogótico tardio da América Latina – informação falaciosa, facilmente testada ao erro se expandirmos o campo de análise para os países vizinhos. Talvez essa fosse uma das vontades da comunidade da época da construção, mas a repetição da hipérbole não é necessária, com tantas outras dimensões de orgulho para os crentes católicos da cidade e da região.

Hoje, no bicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul, o cenário cultural mostra algumas brechas. Como sabemos, a perseguição aos imigrantes consoante ao projeto de nacionalização do Governo Vargas impregnou a unidade cultural que era fortificada desde o desenvolvimento das primeiras povoações: os símbolos, os cantos, a comunicação e as mídias impressas na língua materna foram proibidos e perseguidos, na primazia de uma identidade nacional recém-fundada, então assinalada com a dominação do ensino em língua portuguesa. O sentimento de identidade e pertencimento passou por profundas mudanças desde então, e alguns estudos⁷⁰ já buscaram mapear as consequências das referidas políticas

⁷⁰ Sobre a dissolução da identidade étnica com as mudanças urbanas e as contraposições com uma ideia de identidade nacional, consultar Correa (2001).

varguistas, o cenário delicado da Segunda Guerra nestas localidades e os interesses da Alemanha em articulações pangermanistas.

De toda forma, a Catedral esteve presente, estável, como uma lembrança da perenidade daqueles que nela se investiram completamente. Após as transformações nos costumes e modelos de integração comunitária, a recuperação desse passado teuto-brasileiro foi gradativa, permitindo, entre outros feitos, a criação da *Oktoberfest*⁷¹ de Santa Cruz do Sul, festa popular nos moldes da que ocorre em Munique. Todos os anos a celebração da imigração convida os mais variados públicos a prestigiarem as danças, comidas e trajes típicos de um tempo muito anterior, embora hoje apresente um caráter muito mais eclético nas suas atrações. Faz sentido, finalmente, que sejam homenageados os ancestrais, sem a ingenuidade de circunscrever a cidade e seus símbolos à colonização – mas estarão eles sempre interligados? Podem todas as configurações sociais se beneficiar do mesmo monumento? A Catedral São João Batista vai muito além do passado germânico de Santa Cruz do Sul, mas estará sempre a ele referenciada.

⁷¹ Para uma leitura crítica da transposição dos festejos da *Oktoberfest* na cidade e suas correspondências com a cultura ancestral, conferir Martins (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito eu defendo, embora saiba que soa como um grito estridente no vácuo, que as hierarquizações criadas no campo da arte perpetuam os modelos de entendimento estético de um grupo seletivo e pouco flexível a concepções distintas. É claro que não sou a pioneira nesta tese, nem serei a última pesquisadora a tocar nessa tecla. A mesma lógica é aplicada por diversos historiadores da arte que, cada vez mais, protestam sobre a aplicabilidade das categorizações definidas por estilos, movimentos e escolas. Fugir das “caixas” ou de sua parcial aplicabilidade é igualmente desafiador, pois o ser humano coloca-se a ordenar primeiro para entender depois. Gosto pode ser discutido sim, mas nem sempre compreendido.

Mesmo assim, as características específicas de uma obra arquitetônica chamam mais ou menos atenção por suas sinuosidades, as sugestões de suas linhas e o tanto que revelam sobre o interior já em sua roupagem externa, além dos encantamentos sensíveis que não sabemos descrever. Respostas definitivas não parecem se sustentar por tempo suficiente nas ciências sociais e humanas, mas uma certeza podemos apontar: o neogótico não foi um traço exclusivo da comunidade católica de origem germânica, ainda que em Santa Cruz do Sul ele tenha representado, de fato, uma ligação com a memória ancestral de uma sociedade que foi deixada apenas na lembrança dos imigrantes. Não há nenhuma correspondência direta entre o projeto da Catedral e uma tradição gótica germânica, por assim dizer, embora a interpretação aqui aplicada tenha sido relativamente original. As marcas da mobilização comunitária são surpreendentes, e desafiam as teorizações acerca da retomada de influência da Igreja no contexto nacional – a própria hierarquia foi tirada de seu pedestal pelo desejo do povo.

A contribuição principal desta pesquisa é trazer o monumento em sua relação direta com o presente e o cenário contemporâneo da cidade de Santa Cruz, não delimitada por seu potencial turístico, mas tirada de sua suspensão “fora do tempo”, tal qual o ecletismo se propunha a concretizar. Para além das particularidades técnicas da arquitetura, o prédio-obra transborda de características evocativas por excelência, e pode despertar outras relações estéticas na vida de seus observadores (não necessariamente ligadas ao mistério do sagrado, mas aos enigmas da arte). Faz-se necessário recuperar sua história para situá-la em seu

simbolismo, mas seu esplendor não está apenas na perseverança de seus idealizadores e na dimensão de suas formas distintivas. Sua estabilidade e onipresença, com suas torres-farol sinalizando o caminho ao centro, transformaram-na em um ente que permite aos habitantes do município um senso de reafirmação: lendo-a lembro de mim, da minha família, da minha parcela constitutiva dessa grande massa conhecida como comunidade, todas as camadas sobrepostas do coletivo e do individual. A Catedral é mais do que um templo subjugado do catolicismo – é um convite ao sensível, ao estranho, ao comparativo e ao eterno questionar sobre a projeção de nós mesmos e nossa agência no mundo.

Uma possibilidade de seguir investigando seu caráter artístico e político seria analisar criteriosamente as imagens do seu interior, pensando nos episódios bíblicos como recortes das mensagens escolhidas, de que maneira as representações figurativas dialogam com outras produções próximas e como se inserem nos discursos demandados naquele contexto (por exemplo, se tomarmos o símbolo maçom em um dos vitrais como ponto de partida, ou o protagonismo dos padres jesuítas na solidificação desta paróquia). Um estudo aprofundado do teor propagandista nas discussões da imprensa local que circularam nos anos 1920 e 30, durante a construção da Catedral (e antes) certamente traria um melhor entendimento do espírito da época e do imaginário social em vigor, pelo menos no que diz respeito à parcela da população que estava integrada ao consumo dessas mídias. Muitos destes jornais eram escritos em língua alemã, o que demandaria traduções e uma estipulação prévia do conteúdo a ser analisado, sem contar com a localização do material já centenário.

Não sei por qual razão sou instigada a investigar igrejas – esse tempo todo esperei que alguém pudesse explicar seu apreço pelo mesmo objeto, sem um retorno revelador. Tenho tempo enquanto continuo. As torres me seguem porque sabem que eu vou voltar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lori Maria Vogt de. **Igrejas neogóticas: Igreja Matriz São Sebastião Mártir e Catedral São João Batista**. Trabalho de especialização – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, UFRGS. 2003. 68 f.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 280 p.

BARROS, Luís Aires. O legado da memória: os monumentos hoje e no futuro. **Didaskalia**, Revista da Faculdade de Teologia, Lisboa. v. 29, n. 1-2, 1999. p. 655-666. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/1454>. Acesso em 15 mai. 2024.

BASTOS, Rodrigo Almeida. **A arte do urbanismo conveniente**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. 284p.

BRAGA, Thayse Fagundes e. **A trajetória do arquiteto alemão Simão Gramlich em campos cruzados no sul do Brasil: arquitetônico, religioso e político**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215887>. Acesso em 18 mar. 2024.

CHECA-ARTASU, Martín M. La Iglesia y la expansión del neogótico en Latinoamérica: una aproximación desde la geografía de la religión. **Naveg@mérica**, revista eletrônica editada pela Asociación Española de Americanistas [s.l.]. 2013, n. 11. ISSN 1989-211X. Disponível em: <https://revistas.um.es/navegamerica/article/view/184981/153531>. Acesso em 31 jul. 2024.

COLLINS, Peter. **Los ideales de la arquitectura moderna: su evolución (1750-1950)**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001, 6. ed. 322 p.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Identidade étnica em meio urbano. **Ágora**, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. 7, n.2, p.119-132, jul./dez. 2001.

DIAS, Pollyanna D'Ávila G. O século XIX e o neogótico na arquitetura brasileira: um estudo de caracterização. **Revista Ohun**, Salvador, ano 4, n. 4, p.100-115, dez 2008. ISSN 1807-595479. Disponível em: http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/Polyana_DAvila.pdf. Acesso em 05 abr. 2024.

DUBY, Georges. **O tempo das catedrais**: a arte e a sociedade: 980-1420. Lisboa: Estampa, 1993. 314 p.

FABRE, Daniel. Catástrofe, descoberta, intervenção ou o monumento como evento. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.11, n.21, Jul./Dez.2019. p. 8-19. ISSN 2177-4129. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/16689>. Acesso em 13 mai. 2024.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas**: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: Annablume, FAPESP, SESC, 1997. 317 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

HUSKINSON, Lucy. **Arquitetura e psique**: um estudo psicanalítico de como os edifícios impactam nossas vidas. São Paulo: Perspectiva, 2021. 328 p.

IBGE. **Cidades** – Santa Cruz do Sul. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-cruz-do-sul/panorama>. Acesso em 11 jul. 2024.

ISAIA, Artur Cesar. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 232 p.

KARSBURG, Alexandre. Ícone de um passado a ser esquecido: A demolição de uma igreja católica no contexto de decadência do Estado Imperial brasileiro. **Estudos Ibero-Americanos**, [s./l.], v. 46, n. 3, 2020. p. 1-15. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/33033>. Acesso em 27 jul. 2024.

KELLER, Milton Roberto. **Santa Cruz do Sul e sua arquitetura eclética**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2001. 262f.

LIMA, Mario Antonio Moraes. O espaço celebrativo segundo a imagem da Igreja. **Revista Contemplação**, [s./l.], n. 1, 2015. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/8>. Acesso em 16 mai. 2024.

MARTIN, Hardy Elmiro. **Santa Cruz do Sul: de colônia a freguesia, 1849-1859.** Santa Cruz do Sul: Associação Pró-Ensino em Santa Cruz, 1979. 139 p.

MARTINS, Eduardo Marques; HIRT, Carla. Santa Cruz do Sul & Oktoberfest: tradução ou tradição alemã? **Boletim Gaúcho de Geografia**, 34: 78-94, maio, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/37429/24175>. Acesso em 05 abr. 2024.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 4 ed. 662 p.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MULHALL, Michael George. **Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs.** Porto Alegre: Bels, 1974. 169 p.

NORONHA, Andrius Estevam. A identidade étnica e religiosa numa comunidade de imigrantes alemães no Sul do Brasil: Santa Cruz do Sul na I República (1889-1930). **Revista Relegens Thréskeia**, v.8, n.2, UFPR, 2019. p. 42-67. ISSN 2317-3688. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/69555>. Acesso em: 05 ago. 2024.

OLIVEIRA NETO, Diomedes de. Arquitetura (neo)gótica e neocristandade: Experiência estética e formas de institucionalização da Igreja católica no Brasil (1910-1930). **Anais do CONACIR: 1o Congresso Nacional de Graduações e Pós-Graduações em Ciência da Religião.** Juiz de Fora, ano 1, v.1, dez. 2015. p. 121-130.

PAIM, Eduardo Tesche. **História, identidade e racismo na formação da sociedade santa-cruzense.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br/items/288cc065-48de-4ebc-84e0-7a9abfbe548f/full>. Acesso em 31 jul. 2024.

PEDONE, Jaqueline Viel Caberlon. O espírito eclético na arquitetura. **Arqtexto**, n.6, 2005. p. 126-137. ISSN 1518-238X.

PEVSNER, Nikolaus. **Panorama da Arquitetura Ocidental.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015. 3ª ed. 511 p.

PREFEITURA de Santa Cruz do Sul. **Santa Cruz Hoje**. 22 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.santacruz.rs.gov.br/municipio/santa-cruz-hoje> . Acesso em 11 jul. 2024.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. São Paulo: Perspectiva, 2014. 88 p.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. 2 v. 824 p.

ROCKENBACH, Sílvio Aloysio; FLORES; Hilda Agnes Hübner. **Imigração alemã**: 180 anos – história e cultura. Porto Alegre: CORAG, 2004. 72p.

ROSA, Angelita da (org.). **São Sebastião Mártir**: a fé fazendo história em Venâncio Aires. Venâncio Aires: Traço, 2013. 164 p.

SÁ, Celso Pereira de. Psicologia Social da memória: sobre memórias históricas e memórias geracionais. In.: JACÓ-VILELA, Ana Maria; SATO, Leny (orgs.). **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 46-57. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601.pdf#page=60>. Acesso em 09 jul. 2024.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v.4, n. 1-2, 1993. p. 285-298. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481>. Acesso em 09 jul. 2024.

SCRUTON, Roger. **Estética da arquitectura**. Lisboa: Edições 70, 2010. 296 p.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.53, 2002. p. 117-149. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192/35930>. Acesso em 25 jul. 2024.

SOUZA, Emilio Petri. Cultura, Monumento e Identidade: A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção em Anchieta - ES, como marco simbólico da identidade anchietense. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v.42 n.1, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/45641>. Acesso em 16 mai. 2024.

SOUZA, Marcio. Mais de 200 propagandas utilizam imagem da Catedral São João Batista, revela pároco. **Portal GAZ**. 16 abr. 2024. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/mais-de-200-propagandas-utilizam-imagem-da-catedral-sao-joao-batista-revela-paroco/>. Acesso em 05 ago. 2024.

SPINDLER, Guilherme Würdig; RADÜNZ, Roberto; VOGT, Olgário Paulo. Escravos na povoação de Santa Cruz na segunda metade do século XIX. **Revista Jovens Pesquisadores**, Santa Cruz do Sul, v.6, n.2, p. 83-98, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228508066.pdf>. Acesso em 22 jul. 2024.

TERRAZA, Cristiane Herres. Cultura visual: memória coletiva e a estética do espaço urbano. **Revista Ciclos**, Florianópolis, v. 2, n. 4, ano 2, 2015. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/5012>. Acesso em 05 abr. 2024.

TESCHE, Otto. Fé e arquitetura: construção da Igreja Nossa Senhora da Glória foi desafiadora. **Portal GAZ**. 14 mai. 2021. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/fe-e-arquitetura-construcao-da-igreja-nossa-senhora-da-gloria-foi-desafiadora/>. Acesso em 01 ago. 2024.

WASSERMAN, Claudia. Identidade: conceito, teoria e história. **Ágora**, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. 7, n.2, p.7-19. jul./dez. 2001.

WEIMER, Günter. Arquitetos imigrantes no Rio Grande do Sul. In: KOTHER, Maria Beatriz Medeiros; FERREIRA, Mario dos Santos; BREGATTO, Paulo Ricardo (org.). **Arquitetura & Urbanismo**: posturas, tendências e reflexões. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 111-125.

WEIMER, Günter. A fase historicista da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel, EDUSP, 1987. p. 256-279.

WERTHEIMER, Mariana G.; GONÇALVES, Margerete F. O Desenvolvimento da Arte do Vitral no século XX em Pelotas. **19&20**, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/vitral_pelotas.htm. Acesso em 07 mai. 2024.

WINK, Ronaldo. **Catedral São João Batista**: Um marco de fé, história e arquitetura. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. 143 p.

WINK, Ronaldo. **Santa Cruz do Sul**: urbanização e desenvolvimento. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.179 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário sobre a percepção de moradores de Santa Cruz do Sul sobre a Catedral São João Batista

Pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em História da Arte (UFRGS) elaborado por Mônica Schulte de Freitas.

*Resposta obrigatória.

Idade:*

18-29 30-45 46-59 60-75 26+

Etnia: você se considera*

branco pardo negro indígena amarelo

Escolaridade:*

Ensino Médio incompleto
 Ensino Médio completo
 Ensino Superior incompleto
 Ensino Superior completo

Você nasceu e/ou mora em Santa Cruz do Sul?* [pode marcar mais de um]

Nasci aqui Moro aqui Nenhum Apenas trabalho

Alguém na sua família é descendente de alemães?*

Sim Não

Você se identifica com ou é adepto de alguma religião? Especifique qual e se é praticante:*

Qual sua relação com a Catedral São João Batista? Costuma frequentar ou passa por ela durante o trajeto para outro lugar?*

Você tem alguma memória específica que associa com a Catedral?*

Quando você para em frente ao prédio, qual é o primeiro elemento que te capta a atenção? (Pode ser uma cor, um traço da fachada, algum som ou cheiro)*

E como você percebe o interior da igreja? Como se sente dentro deste espaço?*

Você acredita que este prédio cumpre alguma função? Você acha que ele é útil?

[Se sim, qual? Se não, por quê?]*

Sim
 Não

Sendo religioso ou não, você sente que este prédio desperta em ti algum sentimento de conexão ou pertencimento? Você enxerga nele uma identificação sua com a comunidade?*

Sim Não

**APÊNDICE B – Resposta à questão 11 do Questionário
177 depoentes. Enquete realizada entre 01 e 07 de abril de 2024.**

Você acredita que este prédio cumpre alguma função? Você acha que ele é útil?

Se sim, qual? Se não, por quê?

Sim

Sim

Sim

Cumpra tanto função religiosa quanto social pra quem é adepto da religião né, não deixa de ser um ponto de encontro e conexão de toda uma comunidade, sendo assim útil. Se fosse restringir utilidade unicamente a coisas que cumprem funções de sobrevivência, daí nenhum espaço religioso seria útil, mas como seres humanos tem uma necessidade intrínseca de entendimento da sua própria existência e crença em algo maior que faça toda essa jornada terrena não ser só algo material, bem como uma necessidade de uma vida em comunidade e um reconhecimento de si como pertencente dela, acho que se torna bem útil sim. (Masssss sobre a pergunta seguinte, marquei que não porque realmente eu não entro nesse povo que descrevi aí kkk, mas acredito que pra quem se identifique com o que a religião prega e com as condutas da igreja exista sim essa identificação e conexão)

Sim, acredito que não só por ser o cartão postal da cidade, mas também por todas as pessoas e histórias que já passaram por ali e ainda vão passar. Gostaria muito que a religião e as pessoas que a praticam fossem mais adeptas de atualizações da sociedade atual, fazendo com que mais pessoas conseguissem se sentir pertencentes ao espaço, independentemente de raça, gênero e sexualidade. Acredito que por essa falta de modernização, infelizmente, para grande parte da população, a Catedral ainda tem relevância apenas pela aparência e não mais tanto pela religião ou propósito.

Totalmente! Uma Catedral tem como objetivo maior nos aproximar de Deus, elevando nossos pensamentos e sentidos diante da beleza, serenidade e respeito que transmite. Fora isso, apreciar os detalhes arquitetônicos, vitrais, imagens e saber que tantos acontecimentos marcantes na vida das pessoas se passaram ali, e que isso só aconteceu porque pessoas de fé e com uma força de vontade enormes colocaram essa Catedral majestosa de pé, nos deixando esse legado maravilhoso, é no mínimo estimulante de se fazer o possível para assim mantê-la! É um verdadeiro tesouro!

Sim. Acredito ser um marco da cidade, beleza externa mas principalmente a força do ambiente que apesar de ser uma igreja católica eu acredito que ela tem um papel na religiosidade das pessoas da cidade de todas as esferas, não só cristãos. Eu sinto que ela ultrapassa um pouco o cristianismo e representa na cidade um marco de conexão com Deus, independente da religião, a igreja recebe e acolhe a todos.

Acredito que ele cumpre uma função social, política e moral, de reafirmação de alguns valores cristãos, da cultura germânica, ainda elitizado, dos brancos, de

peças de arte. Infelizmente totalmente distante da realidade social, não buscando justiça ou equidade social. E acredito que cumpra uma função cultural, possibilitando o acesso a esta obra de arquitetura e de um período histórico.

Acredito que sim, embora eu não seja religiosa, creio que é um espaço importante para a religião, para as missas, etc. É importante que exista um local adequado para cerimônias e celebrações, não importa a religião que for, e no caso, a catedral é um desses espaços para os católicos. Para mim, não tem grandes "utilidades" mas entendo o a importância para outras pessoas e para a cidade.

Lugar p acolher os católicos ou quem queira ali estar. Para mim é um ponto turístico. Só entro ali para acompanhar algum visitante. Mas tive momentos mesmo q poucos, de reflexão e já me peguei pensando nas pessoas que a construíram e no qto se sentiram satisfeitas por terem participado dessa obra!

Acredito que sim, pra quem é católico é muito importante. Muitas missas, casamentos, batizados, crismas e catequeses são realizadas no local. Além de ser um grande ponto turístico para scs, ainda cumpre a função social da igreja normalmente em ficar aberta para quem é devoto ir fazer suas preces.

Sim. Religiosidade, turismo. Penso que, diferente de outras obras, a catedral precisa de recursos públicos, pois não pertence só aos católicos e sim à cidade de Santa Cruz do Sul. Deve ser melhor aproveitada para o Turismo, mas se sabe que tem custos altos de manutenção, bem como segurança .

sim, acho que ela cumpre diversas funções pois embeleza a cidade, além de ser um ponto considerado turístico para a cidade e também dá um "descanso" para os olhos no meio do centro que tem tantas lojas e comércio num geral... também a questão culturas e religiosa

Sim, representa o suor e a colaboração dos antepassados que ajudaram a construir esta catedral. Sim, é útil porque acolhe e celebra missas, casamentos, eucaristias e crismas aos praticantes desta religião e de outras; é ponto turístico da cidade.

Sim, ele é o símbolo da religião católica na região, ponto turístico (maior igreja em estilo gótico da América Latina) que poderia ser melhor explorado com a abertura à subida das torres, como é feito na Sagrada Família de Barcelona.

É muito útil, porque acolhe as pessoas que procuram alívio para os seus problemas. É uma pena que está sendo tão difícil de conseguir verba para o restauro do templo que é uma verdadeira relíquia da nossa cidade.

Acredito que sim, onde os católicos se encontram para exercer a sua Fé, onde as pessoas decidem casar por ser muito lindo, também é um ponto turístico, pois todos que visitam a cidade fazem questão de fotografar.

Para mim sim! É o local onde participo das Santas Missas, onde a cada celebração renovo o compromisso com Deus, Jesus Cristo, a Virgem Maria e toda a Milícia Celeste de ser um cristão-católico melhor em minha vida!

Acredito que tal qual a religião em si, o prédio cumpre uma função social de poder e controle sobre a população. Em uma visão mais romântica, enxergo a catedral como um símbolo de inspiração para a arte e o belo.

Cumprer uma função muito importante e é uma herança dos nossos antepassados, fruto do esforço deles. A função é ser local inspirador para as várias vivências de fé do catolicismo, porém, acolhendo a todos.

Sim, sem a menor sombra de dúvida. A história da construção da Catedral se confunde com a história da imigração e colonização alemã, especialmente a região e o município de Sta Cruz do Sul

Com certeza. É a principal identidade visual de Santa Cruz do Sul, além simbolizar a mobilização comunitária da época de sua construção e a religiosidade herdada dos imigrantes alemães.

Com certeza, muito dessa construção se deu em função de doações da comunidade e estava ligada a uma época. Há um valor arquitetônico e histórico marcante, inclusive na América Latina.

O SACRADO ESTA ALI MATERIALIZADO, como uma lembrança, um símbolo. Enquanto o humano não compreender a própria natureza sagrada, o físico /Catedral, externalizado cumpre esse papel

Sim, acredito que essa igreja consegue transmitir a religião que tem através de seus detalhes artísticos. Considero ele útil porque é o templo da cidade em que seus fiéis se reúnem.

Sim, toda igreja ou templo religioso tem como essência o amor, união, caridade, fraternidade. Mas, claro, que alguns lugares a ação do ser humano atrapalha um pouco esse contexto.

Acredito que cumpra um papel histórico e simbólico. Mas não considero útil na atualidade, sim como um marco histórico, mas hoje são poucas pessoas que são religiosas praticantes

Sim. Exerce principalmente a função básica de uma igreja relacionada às atividades religiosas assim como simboliza um ponto turístico tornando-se um cartão postal da cidade.

Sim. Além da beleza arquitetônica, atrai turistas que são atraídos pela sua imponência e história, ele cumpre a função de reunir pessoas e momentos de oração e celebração.

Sim. Reconecta o indivíduo com algo que transcende o meramente visível. Também tem o papel histórico de lembrar o esforço e dedicação de um povo que deixou um legado.

Sim, cumpre função social. É útil não só como um templo da religião católica, mas também impulsiona o turismo como um ponto turístico, como a imagem da cidade

Sim. Além do aspecto histórico e cultural, cumpre uma função religiosa, considerando que para muitas pessoas é um espaço importante de se conectar com Deus.

É uma referência na cidade! Acho que já teve um papel mais importante na vida das pessoas. Hoje , Os jovens não costumam frequentar muito a igreja

Claro que sim, é uma obra de arte e um lugar indispensável de mostrar aos turistas ou amigos de outros lugares que vem visitar nossa cidade.

Sim. Possui uma função social importante para todos da comunidade, em especial, para a expressiva comunidade católica do município e região.

Sim, pq simboliza a fé de uma comunidade q se empenhou na construção de um belo templo pra eternizar um legado de fé às gerações futuras.

Na minha opinião a função de ponto turístico, e de oração, mas acredito que igreja somos nós, não vejo a necessidade de ir lá para rezar!

Sim, é um ponto de meditação, uma atração turística e o ponto de encontro para fortalecimento da fé, não só católica, mas de Cristãos.

Cumprer sua função social que é integrar a sociedade através das ordens religiosas e busca ligar os indivíduos com o ser celestial.

Sim. É o local que acolhe e reúne os fiéis, seja para manutenção da religiosidade, como para manter ativa a chama do catolicismo

Sim, ainda mais para qm é católico. Mas religioso ou não ele tem uma arquitetura mt marcante oq torna ponto turístico da cidade

Sim. A Catedral tem a função de agregar pessoas em torno de objetivos comuns: oração, reflexão, ensinamentos, valores humanos.

acredito que cumpre muitas funções para a comunidade, principalmente para aqueles católicos mais velhos - rotina, social, etc.

Além da parte religiosa, faz parte da história, cultura e turismo da cidade. Um dos pontos que mais orgulha o santa cruzense.

Por ser um templo, sei que cumpre a função de fortalecer a fé nas pessoas que se identificam com a religião ali praticada.

sim, ainda que não seja religioso, considero a Catedral como um grande símbolo católico, que atrai turistas diversos

Aos católicos mais praticantes exerce a função de juntar pessoas , aproximar a comunidade e realizar os sacramentos

Penso que a catedral faz parte da história da cidade e de muitos dos moradores! Representa uma memória afetiva!

Sim. Independente da religião, considero um patrimônio histórico e cultural importante para a cidade e região.

Sim bastante muitas pessoas buscam estar em um lugar de paz e ali transmite, e tbm pelos trabalhos prestados

Sim! É um símbolo da cidade! É uma casa que abraça quem se reconecta com sua fé e transmite paz e segurança

Faz os praticantes católicos se sentirem mais completos, buscarem o elevado e amor. (Ou pelo menos deveria)

Sim muito útil, além da beleza externa e interna , embeleza nossa cidade e é um lugar de paz de muita fé

Sim, muitas pessoas tem uma fé grande e frequentam a igreja, sendo um simbolo muito importante pra elas

Acho que esteticamente ele é um prédio que adiciona ao visual da cidade e virou um marco de Santa Cruz

Sim, porém nunca pensei nisso, mas acredito que seja realizar as missas e continuar o legado católico

Acredito que seja um patrimônio histórico e um local para quem precisa renovar sua fé eventualmente.

Cumpra seu papel dentro da organização da Igreja Católica que tem Santa Cruz como sede da diocese

Sim, como marco para a cidade, cartão postal, espaço para eventos da comunidade (como concertos)

Se conecta ao que a religião propõe aos fiéis. Imagino que seja a materialização da devoção

Sim para os católicos é o templo do Pai. Mas acho bastante imponente e rico materialmente.

Sim, ela é a expressão da fé e da vida comunitária da região central de Santa Cruz do Sul

Acredito que ele cumpre uma função histórica. Mas não conheço a história dessa catedral

Ele é útil pois várias cerimônias acontecem ali. Além de ser um cartão postal da cidade.

Sim. Cumpre a função da deus, família, ou seja, precisamos acreditar em algo superior.

Sim. Ponto de encontro religioso, referência para que busca acolhimento na sua fé.

Por não ser religiosa, para mim não, ele representa um público que não me aceita

Função de acolhimento para prática religiosa e para visitação, atração turística

Sim, um elo entre pessoas religiosas e também um marco arquitetônico da cidade

Sim, além de um templo católico. É um lindo cartão postal. A igreja se destaca.

Sim, tem uma função de manutenção dos símbolos católicos, cristãos, milenares.

Sim, muitos v o até o local rezar, buscar paz. Mas acho pouco a sua utilização

Acho ele muito monumental e espirituoso apesar de não praticar essa religião

Sim. Não só histórico como também em relação ao processo de "cultivo" da fé.

Sim. A função de atrair e conquistar fiéis   também uma atração turística.

Sim. Muitos procuram conforto espiritual e se sentem bem dentro do espaço.

É um marco da cidade e uma das maiores igrejas em estilo neogótico do país

Sim. É um monumento histórico. Povo que não tem passado, não terá futuro.

Sim, ponto turístico. Sim marca as horas e atrai gente de outras cidades.

A função dela sempre foi e sempre será útil, pois é um símbolo de Cristo

Sim. Diversas, dentre elas da própria religiosidade e função turística.

acho que pra quem é adepto da religião é um local muito importante sim

Sim, remete a um período o de a fé, literalmente transpunha montanhas

Acho que é um ponto de referência da nossa cidade, um cartão postal.

Sim. Sua arquitetura promove a interiorização e a relação com Deus.

Sim, atender as necessidades religiosas das pessoas de SCS e região

Sim, marca fortemente o centro da cidade, em conjunto com a praça.

Perante a religião católica ele cumpre o papel de receber os fiéis

Função de patrimônio histórico e faz parte da historia da cidade

Sim, além da religiosidade, tem a questão cultural e turística.

Sim. Local em que os fiéis juntos buscam a presença de Deus.

É um cartão postal da cidade e, uma casa aberta para orações

Sim ele mostra a cultura nos traços , nós vitrais , no teto

Sim. É útil como símbolo religioso e como ponto turístico.

Sim, um templo espiritual no coração de Santa Cruz do Sul.

Sim.. tem função histórica muito importante para a cidade

Sim, ele é importante para os católicos e para o turismo.

Sim! Pra mim é o principal encanto de Santa Cruz do Sul!

Acredito que deva cumprir para os católicos praticantes.

Cumprer uma função histórica e útil para os praticantes.

Sim. Porque é o símbolo do Cristianismo em nossa cidade

Sim. Tradição cultural e também é um símbolo da cidade.

Sim, além do cinto religioso, também histórico e social

Sim, para missas e outros ritos como as outras igrejas

Sim, um templo para orar, se sentir mais perto de Deus

Cumprer sim. É um sinal e símbolo da história da cidade

Sim. É útil para as pessoas praticarem a sua religião

Sim. Ele é até um ponto turístico para os visitantes

Sim. É um espaço para os católicos professarem a fé.

Pra mim é um ponto turístico importante do município

Sim... para manifestação da fé e conforto de muitos

Ele tem uma utilidade exponencialmente terapêutica

Sim, além da questão religiosa, tem papel cultural

Útil tanto como igreja quanto como ponto turístico

Sim, local de encontro com Deus e com a comunidade

Sim para os jovens se inspirarem para frequentar

Sim, reunião de pessoas para fazerem suas preces

Sim. Cultos religiosos e Turismo para a cidade.

sim. De acalmar o coração de todos e trazer paz

Sim. E uma referência importante na cidade ...

Creio q sim. Muitas pessoas frequentam o local

Sim. De certa forma lembra a colonização alemã

Sim. Importante para reflexão e agradecimento.

Sim, cumpre o papel de ser o templo católico.

Sim, acredito que ela está associada a cidade

Sim. Acolhe as pessoas que tem fé religiosa.

Sim! Função cultural, artística e religiosa

Sim, é um predio lindo em todos os sentidos

Sim, claro! Ele representa a nossa cidade.

Sim, muito útil para a cidade e as pessoas

Principal ponto turístico de nossa cidade.

Sim . Encontro de fiéis , missa e orações

Sim, conexão da comunidade com a religião

Sim, é praticamente um símbolo da cidade

Sim. Referência geográfica e turística.

Sim. Momento de interioridade. Turismo.

Sim, é um marco da cidade e da religião

Sim, atividades religiosas, nada mais.

Sim, momento de reflexão, busca de paz

Sim. É um local de encontro e oração

Sim, é um ponto turístico da cidade

Sim, simboliza a religião católica.

Sim, simbologia, história, religião

Sim, é um ponto turístico da cidade

Sim. Celebrações da igreja católica

Muitas pessoas buscam ajuda divina.

Sim, como ponto turístico da cidade

Sim, para a fé daqueles que a tem

Tanto religioso quanto histórico

Sim, a fé da população em geral

Sim, é um estilo muito bonito.

Sim, cartão postal da cidade.

Sim. Para oração e meditação

Sim, lugar que vou agradecer

Muito importante para todos

É útil, porque é história

Sim Juntar a comunidade

Sim, lugar de acolhimento.

Sim, um símbolo da cidade

Sim, cumpre missão de fé

Sim, auxilio espiritual

Símbolo de nossa cidade

Sim. Função religiosa.

Sim, marco histórico

Embelezar a cidade

Local de reflexão

Sim, com certeza

Sim, local de fé

Ponto turístico

Sim, agregador

Acho que sim

Sim. Abrigo.

Sim..união

Sim é útil

Religioso

Sim util

Não